UNIVERSIDADE D
COIMBRA

GISSELA VORLEI LIMA SALES

CAMINHOS DA APRENDIZAGEM

NEGOCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Dissertação de Mestrado em Estudos de Cultura, Literatura e Línguas Modernas orientada pela Doutora Maria Clara Keating, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

.

Outubro de 2020

FACULDADE DE LETRAS

CAMINHOS DA APRENDIZAGEM

NEGOCIAÇÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	**Dissertação**
Título	**Caminhos da Aprendizagem**
Subtítulo	**Negociação e Construção Identitária**
Autor/a	**Gissela Vorlei Lima Sales**
Orientador/a(s)	**Professora Doutora Maria Clara Keating**
Júri	**Presidente: Doutora Maria José Florentino Mendes Canelo** **Vogais:** **1. Doutora Anabela Santos Fernandes** **2. Doutora Maria Clara Bicudo de Azeredo Keating**
Identificação do Curso	**2º Ciclo em Estudos de Cultura, Literatura e Línguas Modernas**
Área científica	**Cultura, Literatura e Línguas Modernas**
Especialidade/Ramo	**Estudos Ingleses e Americanos**
Data da defesa	**15.12.2020**
Classificação	**16 valores**

UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Agradecimentos

Agradeço a Deus por essa oportunidade, à minha família que sempre me incentivou, aos amigos pela compreensão da minha ausência e à minha professora e orientadora, pois sem ela, esse trabalho não sairia do campo das ideias.

RESUMO

Este trabalho é sobre a aprendizagem de língua inglesa, por falantes de português, em contexto de imersão na cidade de Cork na Irlanda. A partir de uma abordagem sociocultural e sociolinguística, o trabalho procura investigar como o indivíduo utiliza e negocia as estratégias de aprendizagem durante suas práticas comunicativas e linguísticas, recorrendo ao seu repertório de língua inglesa, de modo a ultrapassar os obstáculos durante o seu processo de aprendizagem. Da mesma forma, busca compreender como acontece a adaptação e a construção de identidade desse aprendente. Esta é uma pesquisa de base etnográfica e qualitativa, mas recorre a alguns resultados quantitativos posteriormente aprofundados através de dados recolhidos junto a participantes – nomeadamente as suas narrativas de vida produzidas em entrevistas em profundidade. Dada a sua natureza etnográfica, a coleta do corpus aconteceu nos espaços de observação participante da interação quotidiana entre os participantes e a pesquisadora. Ao longo da trajetória de participação e da observação dos participantes, consideram-se os discursos produzidos, a construção das identidades e as relações de poder que são intrínsecas às interações sociais e às práticas linguísticas que constituem os caminhos de aprendizagem informal vividos pelos participantes do estudo. No final do trabalho identifico alguns mecanismos desta aprendizagem informal, que passam pela motivação e o investimento, as estratégias para ultrapassar obstáculos, assim como o posicionamento e o direito de falar experienciados pelos participantes do estudo. Estes aspetos fazem parte de um processo de reconhecimento pessoal e social das identidades destes participantes como falantes de língua inglesa.

Palavras-chave: Aprendizagem; língua; imersão; identidade; construção.

ABSTRACT

This work is about English language learning, by Portuguese speakers, in an immersion context in Cork / Ireland. Drawing on a sociocultural and sociolinguistic approach, it considers how the individual speaker uses and negotiates learning strategies while using their communicative and linguistic practices, using their English language repertoire, in order to overcome the obstacles during their learning process. In the same way, it also aims to understanding how the learner's adjustment and identity constitution happen. This is an ethnographic and qualitative research, but it considers some of the quantitative results, exploring them further, in order to enhance the phase of depth of data studied in the narratives produced in-depth through the interviews. Given the ethnographic perspective of the work, the data collection was carried out in the spaces of participant observation of the daily interaction between the participants and the researcher. That is conducted by a sociolinguistic insight and it uses ethnography and participant observation, that is, the collection of data for the corpus emerges from the linguistic interaction between the participants and the researcher. By interacting with and observing participants, speaking and writing is considered in the light of participants' own construction of identities. Power relations are intrinsic to social interactions and linguistic practices and play a role in the development of the informal learning paths experienced by the participants of this study. At the end, I identify some mechanisms of this informal learning, which involve motivation and investment, strategies to overcome obstacles, as well as the positioning and the right to speak experienced by the learners. These aspects are part of a process of personal and social recognition of the identities of these participants as speakers of English.

Keywords: Learning; language; immersion; identity; construction.

ÍNDICE

I – Introdução	1
II – Metodologia	5
Questionário	10
Metodologia Usadas	12
Quadro dos Dados Coletados	13
Conclusão	16
III – Revisão da Literatura	18
Aprendizagem Informal da Língua Inglesa	18
Socialização e Aquisição de Língua	21
Perspectiva sociocultural da aprendizagem	22
Aprendizagem de Língua	24
Negociação e construção identitária	26
Considerações	28
IV – Análise dos Dados	30
Conhecendo os Participantes	30
Estudo de Casos Selecionados	34
Análise dos Questionários e Identificação dos Temas	36
Caminhos da Aprendizagem	46
Análise Textual	57
V – Considerações Finais	66
Bibliografia	71
Anexos	75

I – INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa o processo de aprendizagem da língua inglesa pelo falante do português, enquanto ele constrói sua identidade no meio social em que está inserido, levando em consideração os obstáculos e as soluções encontradas nos processos de sobrevivência e nos espaços de língua inglesa. O trabalho pretende explorar de forma qualitativa como falantes de português como língua materna socializam em práticas de aprendizagem de inglês como língua estrangeira num contexto de imersão na cidade de Cork e, nesse processo constroem identidades não só como pessoas brasileiras/portuguesas na Irlanda, mas também como aprendentes e falantes de inglês. O aprendente recorre de forma ativa e criativa aos seus conhecimentos para negociar e ultrapassar obstáculos, cuja natureza é complexa e envolve aspectos de característica simultaneamente linguística, sociocultural e sociopolítica. Esta dinâmica envolve negociações de subjetividades, que levam em consideração todas as características da pessoa como aprendente e nova falante de inglês.

Para estudar estas interações iniciei a minha pesquisa considerando as seguintes questões básicas: como? onde? e por qual meio? se daria esse processo dinâmico. Estas foram algumas das minhas questões iniciais de pesquisa, que levaram a outras mais específicas no decorrer do meu trabalho de campo e da análise dos dados – como os falantes negoceiam as suas estratégias de aprendizagem da língua inglesa? Como recorrem aos seus repertórios, de modo a ultrapassar os obstáculos que se deparam? O que determina o ritmo e a duração do processo de aprendizagem (mais rápido para alguns participantes e mais demorado para outros)? Em que medida a interlíngua (ou seja, a mistura de vocábulos e estratégias verbais nas línguas portuguesa e inglesa) é frequente e consciente? Como os novos participantes agem para ir conseguindo adaptar-se à nova comunidade?

A necessidade de identificar os obstáculos e soluções que os falantes da língua portuguesa encontram nos processos de socialização em práticas de aprendizagem do inglês tem como pano de fundo um olhar sociocultural para a aprendizagem de línguas estrangeiras, vista à luz da negociação e a construção de identidades sociais e linguísticas. A construção da identidade individual acontece na linguagem. Através da linguagem, a pessoa se relaciona com o que considera importante para a sua sobrevivência, por exemplo: poder político, classe social, profissão, educação, cultura, etc. Sendo o mundo material e real, é importante encontrar explicações para fazer sentido do mundo, usando para tal, língua(gem)[1]. A língua

[1] Este termo é usado devida abrangência sociolinguista da pesquisa, com base em estudos da língua como fato social, assim como de uma visão da linguagem como uma instituição social. (ver William Dwight Whitney 1867 in the MIT Press, 1971.

age através de práticas que se refletem de forma singular para cada um/a. E nessas práticas, as pessoas recorrem à língua para acessarem os recursos de que necessitam para viver em grupo e sobreviver no meio e em vida social.

Para existir, a língua precisa de falantes e de um meio para concretizar-se. O falante individual é complexo assim como suas percepções do mundo à sua volta. Uma abordagem que dá atenção às práticas discursivas em contexto social, pode observar, de uma forma mais clara, as variantes desse cenário complexo. Portanto, o objetivo é analisar como as pessoas criam significados em suas interações, usando a linguagem para construir os contextos. Segundo Ochs, citado por Creese, "... in any given actual situation, at any given actual moment, people in those situations are actively constructing their social identities rather than passively living out some cultural prescription for social identity..." (Apud Creese,1993, p. 296 - 298). Isso quer dizer que as pessoas estão construindo, em cada interação, uma identidade social para si ou invés de aceitar passivamente o que é disponibilizado pela cultura como identidade.

Por isso, quando o sujeito significa, em sua interação social, ele constrói sentidos de um tempo e espaço específico, mas que estão ligados a outros momentos de significação, isso é, uma memória onde se encontram camadas de significação repetida ao longo da história. A língua(gem) é um recurso político, econômico e social que tem um alto risco associado ao seu uso. A habilidade de uma boa comunicação torna-se uma ferramenta de poder, e cada vez mais, valorizada, numa sociedade globalizada. Seja no meio acadêmico, profissional ou social, cresce o interesse e dedicação do indivíduo em obter conhecimento em mais do que uma língua, desenvolvendo a capacidade de se comunicar, minimamente, nos padrões de uma nova língua. Portanto, pode-se dizer que a globalização é um fenômeno que promove mudanças na linguagem, tais como a coabitação de uma diversidade de línguas e sotaques; o crescimento na comunicação on-line – através das redes sociais; interação e negociação de mercado entre os países; disseminação das culturas; etc. Neste cenário, o domínio de uma nova língua é considerado um produto de mercado, onde prevalece a língua que mais obtêm poder econômico, e consequentemente político. A língua inglesa é uma destas línguas: quem a domina tem acesso a um novo mundo que passa a ser compartilhado.

A razão pela qual escolhi o espaço lusófono em Cork na Irlanda como objeto do meu estudo prende-se à crescente emigração de brasileiros e portugueses para esta região da Irlanda. Com a situação do Brexit na Inglaterra, notou-se que 19,7 mil imigrantes chegaram para morar na Irlanda vindos do Reino Unido. Dentre este número, incluem-se os portugueses e brasileiros que antes emigravam para a Inglaterra, e que agora mudaram o seu destino de trabalho ou estudo. Desde 2015, o número de portugueses emigrando para a Irlanda vem

crescendo, a maioria saiu de Portugal em busca de melhores salários e oportunidades. Também cresce o número de brasileiros que decidem mudar-se para a Irlanda, onde podem trabalhar e estudar legalmente. De acordo com CSO, em 2018, havia 13,640 de brasileiros na Irlanda.

O crescimento da emigração lusófona deve-se aos movimentos globais da modernidade tardia. A globalização tem exercido grande influência nas relações sociais, no que diz respeito, a organização de tempo, espaço e conexão com o mundo. Ela leva a uma transformação das interações socioeconômicas e o comportamento das pessoas. Ampliam-se as facilidades de comunicação e, consequentemente, a transmissão dos valores culturais. Esse processo não acontece de forma igualitária, pois alguns centros economicamente dominantes são mais evidentes. "No que concerne as línguas, a língua inglesa é considerada como a língua oficial do mundo dos negócios devido ao poder econômico e político dos países de língua inglesa, como por exemplo: USA e Inglaterra". (CSO[2])

Diante desta perspectiva, a análise da língua(gem) em uso é de suma importância porque considera aspetos para além da língua e que a envolvem, por exemplo, o meio onde ocorre, quando ocorre e quem nela participa. Nesta perspectiva, tudo o que é produzido através da linguagem está localizado num determinado tempo e espaço, "any form of organization, idea, role, norm, conflict, text, must have been produced by people at some moment and at some particular place." (Heller et al., 2017, p. 8). Num estudo que se pretendia focar em processos de aprendizagem do inglês por falantes de português, a etnografia foi muito importante porque ajudou a olhar para as práticas sociais que brasileiros e portugueses, residentes na Irlanda, utilizavam nos seus processos de aprendizagem da língua dominante no seu país de acolhimento. Assim sendo, com base na etnografia linguística feita entre falantes de português, a observação participante, questionário, entrevistas e a organização de histórias de vida, constroem o corpus para a análise.

O grupo estudado inclui indivíduos de diferentes faixas etárias, profissões, gênero e comunidades, indivíduos, com expectativas variadas sobre a aprendizagem do inglês. A pesquisa é qualitativa e foi desenvolvida com o fim de analisar as práticas sociais mais comuns nesse processo de aprendizagem, e as razões da recorrência dessas práticas. Por ser uma pesquisa etnográfica que envolve a observação, a pesquisadora (eu) também participa e interage nesse meio enquanto analisa. Os aspectos históricos e sociais são indissociáveis e afetam como o indivíduo processa sua aprendizagem, sua percepção de si,

[2] CSO – Central Statistics Office: https://www.cso.ie/en/releasesandpublications/ep/p-cpnin/cpnin/brazilian/ acessado em 16.02.2021

do outro e do mundo. Os interesses políticos, sociais e econômicos, tanto a nível pessoal como institucional, são aspectos constitutivos deste trabalho.

Dito isto, para que aquisição de língua aconteça, a interação dos aprendentes com os falantes de inglês como língua materna em seu ambiente natural é muito importante. Imerso na realidade em que se insere, o/a aprendente processa a informação, negociando os sentidos necessários para uma comunicação de sucesso. Ao socializar-se nas práticas comunicativas de língua estrangeira, o aprendente domina os aspetos linguísticos comunicativos, negociando-os na interação com os falantes. "Whereas the success of language socialization is full acculturation and assimilation into the language – speaking community, the success of language acquisition is full mastery of the linguistic communicative aspects of the language, not primarily assimilation into the relevant speech community." (Kramsch, 2002, p. 2). A aquisição da língua estrangeira passa pelo domínio dos aspectos comunicativos e o que envolve suas negociações, mas não necessariamente na assimilação na comunidade de falantes. Este trabalho visa identificar como esse processo funciona e o que significa para as pessoas, apontando assim para a importância dessa interação individual/social/cultural, não só para a aprendizagem de línguas como para os contornos de uma identidade como falante de inglês manifesta e expressa por cada um/a do/as participantes do estudo.

O trabalho desenvolve-se nos seguintes capítulos: em primeiro lugar, apresento a metodologia do estudo – como se estruturou, que métodos foram usados, como foram recolhidos e categorizados os dados; em segundo lugar, apresento na revisão da literatura um olhar para a aprendizagem informal da língua inglesa em contexto de imersão, identificando as perspectivas mais importantes para o desenvolvimento da minha pesquisa. A seguir é a apresentação dos dados recolhidos, assim como a sua análise: os participantes, suas narrativas e os estudos de caso, alguns dos temas identificados em ambos entrevistas e questionários distribuídos pelos participantes. Esta análise permite identificar alguns dos caminhos de aprendizagem informal percorridos pelos participantes, ilustrada de modo mais detalhado na análise da produção textual por um dos participantes. O trabalho termina com algumas considerações finais sobre os caminhos de aprendizagem vistos também como caminhos de construção identitária.

II – METODOLOGIA

Introdução: a abordagem metodológica

O trabalho pretende explorar de forma qualitativa como falantes de português como língua materna socializam em práticas de aprendizagem de inglês como língua estrangeira num contexto de imersão e, nesse processo constroem identidades não só como pessoas brasileiras/portuguesas na Irlanda, mas também como aprendentes e falantes de inglês. O falante recorre de forma ativa e criativa aos seus conhecimentos para negociar e ultrapassar obstáculos, cuja natureza é complexa e envolve aspectos de característica simultaneamente linguística, sociocultural e sociopolítica. Esta dinâmica envolve negociações de subjetividades, que levam em consideração todas as características da pessoa como aprendente e nova falante de inglês.

Neste capítulo apresento os passos que conduziram à realização desta pesquisa, desde a construção de relações com os participantes aos procedimentos de escolha e análise dos dados. Buscando elucidar os processos de negociações das estratégias de aprendizagem da língua inglesa pelos falantes de língua portuguesa, o estudo suporta as suas investigações à luz da pesquisa qualitativa – ferramenta usada para explorar os aspectos da vida em uma área estipulada onde métodos específicos são usados para investigar como os indivíduos percebem e participam nesse mundo. Os métodos qualitativos são mais apropriados para abordar e examinar as minhas questões levantadas em relação aos acontecimentos dos eventos e comportamentos que proponho investigar. “Qualitative approaches are typically used to explore new phenomena to capture individuals’ thoughts, feelings or interpretations of meaning and process.” (SAGE, 2008, p. xxix). Existem muitos métodos qualitativos desenvolvidos para obter uma compreensão das informações coletadas, os mais comuns são: entrevista e observação. Para o trabalho aqui desenvolvido foram utilizados os métodos: questionário aberto, entrevistas semiestruturadas, observação participante e recolha de documentos.

Neste trabalho, a pesquisadora utilizou o questionário não estruturado, ou seja, um questionário com perguntas abertas, com o propósito de obter respostas variadas, assim possibilitando a exploração de assuntos imprevistos – tais como os temas emergentes evidenciados neste trabalho. A entrevista não estruturada, aqui referida como entrevista informal e em profundidade, foi aplicada para aprofundar e confirmar a informação anteriormente revelada nos questionários, o que propiciou uma investigação sensitiva dos tópicos, explorando assim questões de subjetividade e emoções. A observação participante

– ou seja, a participação da pesquisadora nos espaços de interação, ao mesmo tempo membro da comunidade e observadora distanciada – ajuda a perceber e registrar as interações e os comportamentos verbais no momento da sua ocorrência. Desta participação-observação, foram recolhidos documentos, incluindo os textos produzidos nos espaços on-line, e que agregam elementos significativos para consolidar, aprofundar e analisar com detalhe a experiência vivida de cada participante.

Dada a sua perspectiva sociocultural sobre o processo de socialização e aquisição da língua inglesa em contextos de imersão linguística, este trabalho considerou a etnografia como a escolha mais relevante. A etnografia é um método originado na antropologia que consiste na observação e descrição dos comportamentos – linguísticos ou outros – de um determinado grupo, enquanto a pesquisadora participa de forma ativa na vida – valores, crenças e práticas culturais – desse mesmo grupo. A observação participante permite a descoberta de práticas específicas numa comunidade, usando uma forma natural de socialização na vida coletiva dessa mesma comunidade.

Proveniente da disciplina de Antropologia Social a etnografia fundamenta-se na descrição de objetos por vivência da realidade. O significado do termo *etnografia* foi mudando ao longo da história da antropologia. A etnografia abrange métodos que envolvem contato social direto e continuado, buscando explicar e analisar a partir da tradução da experiência resultante com o outro – e reconhece, identifica e registra como essa experiência embarca no fluxo da história. Segundo Salgado, analisa como que as mudanças sociais e culturais podem surgir das práticas que os dados etnográficos evidenciam e evocam, e como, a partir de uma micro história, se podem conceptualizar mudanças mais amplas. Desta abordagem surgem descrições mais ricas e mais complexas do que aquelas descritas por meras definições descontextualizadas dos processos. Uma vez que se trata de um método qualitativo que assume uma ideia interpretativa, o problema desta abordagem surge quando se pretende fazer uma generalização de resultados. (Salgado, 2015, p. 27).

De acordo com Alroino Eble, o estudo da língua pode inserir-se no campo da Antropologia Cultural, uma vez que esta visa o estudo da cultura das comunidades humanas, que se diferenciam uma das outras por distintas manifestações, incluindo as práticas linguísticas. Na antropologia, é importante estudar a atividade humana da linguagem porque toda sociedade requer sistemas partilhado de signos (código) para registrar suas vivências. Estas transmitem-se de geração em geração também por meio de mecanismos linguísticos. Por isso se diz que é na linguagem – em todas as suas manifestações – que os seres humanos depositam e inscrevem as suas impressões do mundo. (Eble, 1982, p. 78)

Uma das características da Etnografia é preocupar-se com os detalhes cotidianos das práticas culturais e comunicativas dos participantes, por isso volta-se para a ação, interação ou evento em particular. Neste sentido, a etnografia alinha-se com um posicionamento epistemológico de que a linguagem e o contexto sociocultural se constituem mutualmente. (Creese, 2008, p. 229). Isso significa que a etnografia ajuda a conhecer como um evento em particular se concretiza na linguagem e, simultaneamente, como o uso linguístico e a prática comunicativa criam e configuram o contexto, interlaçando assim, a língua em si, o indivíduo e a cultura que se faz em determinado tempo e lugar. Esta constituição mútua entre falantes, línguas e contextos socioculturais é fundamental para este estudo que assim opta por explorar uma abordagem à pesquisa que recorre à etnografia linguística.

A abordagem da etnografia linguística considera a articulação entre dois campos do conhecimento – a 'linguística' e 'etnografia' – a fim de analisar a inter-relação entre linguagem e vida social e cultural. Beneficiando do saber textual, formal e gramatical fornecido pela linguística, a etnografia linguística assume sensibilidade reflexiva oriunda da etnografia para a análise situada dos contextos socioculturais. Ou seja, a linguagem e a vida social estão constantemente se moldando. Como Rampton (2004) sugere, esta abordagem amarra a etnografia nas metodologias linguísticas e textuais e abre a linguística à sensibilidade do contexto. (Apud Creese. 2008, P. 229)

A pesquisa apresentada baseia-se, assim, na etnografia para a recolha, observação e análise de práticas comunicativas vivenciadas pelos participantes nos seus espaços quotidianos, muitos deles compartilhados com a pesquisadora por um período de, aproximadamente, um ano. Esta observação-participante aconteceu em diferentes domínios da vida social, como por exemplo: trabalho, igreja, espaço doméstico, e em espaços de laser – pubs e cafés, entre outros. O terreno e campo cultural onde desenvolvo a minha observação é o da comunidade de falantes portugueses na cidade de Cork.

A coleta etnográfica de informações e dados passa pela necessidade de fazer parte integrante do grupo, a fim de construir uma perspectiva que reflita em profundidade a realidade do mesmo. A pesquisadora mergulha literalmente na comunidade, observando-a. Por isso, a observação participante apresenta-se como uma forma natural de perceber os comportamentos sociais e verbais quando acontecem. Para além de complementar informações, entretanto coletadas através de outros métodos (como o questionário), a natureza subjetiva e detalhada da observação participante foi uma valiosa ferramenta na construção da descrição densa de cada participante.

Passos para a recolha dos dados

Partindo da abordagem qualitativa e etnográfica acima enunciada, apresento nas secções seguintes os passos que conduziram à realização desta pesquisa, desde a escolha do grupo, a construção de relações com os participantes e os procedimentos de recolha de dados, incluindo a formulação de questionário, as entrevistas e as observações. Segue-se uma descrição do tratamento das informações recolhidas e da escolha de metodologias para a análise dos dados, desde o levantamento de temas à análise de textos concretos.

A entrada no campo e a relação com os participantes

A minha história de falante de inglês e emigrante levou-me a refletir em como esse processo de aprendizagem acontece em contexto de imersão. Em 2017 mudei-me para a Irlanda, com o objetivo de voltar para um país que tinha o inglês como língua oficial. Essa volta foi proposital pois naquela altura a ideia de desenvolver um trabalho sobre o processo de aprendizagem da língua inglesa se formava como uma possibilidade real. E dentro dos meus espaços de interação (trabalho, igreja, pubs entre outros), passei a observar o uso das práticas linguísticas dos falantes da língua portuguesa. Algumas questões foram se concretizando, devido à essa posição em que me percebo – também eu – falante de português, em um contínuo processo informal de aprendizagem de inglês. Isto motivou-me a querer estudar as negociações linguísticas, identitárias e culturais inerentes a este processo num contexto de imersão. A visão da pesquisadora é também a de uma participante desse grupo, o que torna esse relato mais vívido e próximo da realidade, vista a partir de dentro.

O primeiro passo foi identificar, através das conversas diárias, quais seriam os possíveis participantes no estudo. No contato que a minha interação diária proporcionou com cada brasileiro/português no trabalho, igreja e domicílio, pude desfrutar de momentos da construção do conhecimento individual, por isso diante dessa oportunidade percebi que poderia desenvolver o meu trabalho com meus colegas. Sendo assim, apresentei, de forma individualizada, a proposta do meu estudo e convidei algumas pessoas com quem nutria uma relação de proximidade, seja pela partilha de domicílio, pertença a uma mesma instituição religiosa e trabalho conjunto em um mesmo departamento na empresa. A estes participantes apresentei a pesquisa com mais detalhe e a proposta de participação de cada um/a, seguindo-se o convite com a descrição do trabalho, assim como a assinatura do termo de consentimento e proteção dos dados pessoais. Para finalizar, foi enviado a cada um o guião de perguntas que constitui o questionário.

Foi assim desenvolvido um trabalho de observação participante de cerca de 18 falantes de português que residem na cidade de Cork. E foi através dessa observação que

surgiu a descrição densa dos participantes. Não foi difícil identificar e escolher os participantes pois compartilhávamos os mesmos domínios e espaços sociolinguísticos. A questão da proximidade com os participantes tem grande importância para esta pesquisa pois evidencia detalhes quotidianos da experiência do indivíduo em uma situação específica que é descrita pela pesquisadora, possibilitando assim um entendimento mais amplo de como as práticas sociolinguísticas efetivamente funcionam ou ocorrem.

O aspecto de empatia com os participantes foi determinante pois a pesquisadora vivencia a mesma experiência de mudança de país e, portanto, passa por um processo de adaptação a nova cultura em contínua e dinâmica aprendizagem de língua inglesa. Devido à convivência diária com os participantes, algumas relações ficaram mais próximas, e isso levou a entrevistas e análises mais aprofundadas de alguns: a proximidade resulta em interações mais naturais e sem estruturas formais, onde se evidenciam com mais clareza o uso das práticas que se forjam nos interstícios de um sistema engessado. Ou seja, foi no encontro nestes espaços que aconteceu a história partilhada entre observadora e participante, algo que incluiu os cinco sentidos e que trouxe para esse estudo a sua essência empírica e natural, ou seja sem estrutura pré-determinada e/ou formal.

Neste tipo de trabalho qualitativo, torna-se essencial refletir sobre o nível de envolvimento da pesquisadora com a língua e os falantes em questão, identificando o fenômeno já anteriormente referido por William Labov do “paradoxo da observação” linguística, ou seja, quando a observação sistemática pela observadora pode afetar o próprio uso não sistemático da língua que se pretende observar (Cukor-Avila, 2000:253-254). Neste sentido torna-se necessário desenvolver reflexividade sobre a posição de quem pesquisa: sua postura e posição pode gerar pontos cegos, pois irá depender do seu conhecimento da língua, e até a sua ligação e interação com o objeto em questão, se este laço é familiar, profissional. Todos estes aspectos levarão a resultados que são moldados por este conhecimento.

Por isso a posição da pesquisadora, que nesse caso também é participante, irá afetar a condução dos estudos de acordo com sua visão de mundo, que se desenvolve à medida que vai aprendendo mais sobre o que observa e que experiência. Portanto é necessário repensar, reestruturar e refazer questões e hipóteses da pesquisa, pois a mesma vai se modificando ao longo do trabalho de campo e análise. “Definitions must get refined, implications must become better delineated, connections more apparent. Research questions may well change at different stages of a project, because you encounter problems or opportunities in the fieldwork, or new data you need to explain.” (Heller et al., 2017, p.14).

Questionário

Uma vez selecionados os participantes, foi-lhes aplicada uma lista de perguntas guiadas (questionário). Este foi o método principal para acessar o entendimento, por cada participante, do seu próprio processo de aprendizagem, a fim de obter detalhes sobre como cada sujeito usa e negoceia os seus recursos para ultrapassar os obstáculos com que se depara como aprendente de inglês. Ao responder ao questionário o indivíduo expõe, de forma estruturada e guiada, a sua rotina linguística enquanto interage socialmente com esse novo cenário. O acesso a esses padrões e essas rotinas permite-nos perceber como, quando e para que fins suas interações acontecem e, de que maneira cada participante as significa nesse novo mundo à sua volta. A análise dessas práticas que ocorrem em diversos momentos e variados espaços nos revelam a tensão e negociação desse processo, também sociolinguístico, do uso do inglês. Isto significa ultrapassar obstáculos, resolvendo problemas concretos ao longo da socialização, e, neste processo, desenvolvendo posicionamentos discursivos com resultados na construção de diferentes identidades. Como por exemplo: um dos temas emergentes – Parentalidade. Algumas das participantes que são mães se posicionam como tal nesse novo cenário para resolver os obstáculos linguísticos que surgem na interação quotidiana relacionado ao cuidado das suas crianças.

É importante destacar que este método – perguntas guiadas – foi crucial para estabelecer a base principal dos dados. O questionário é constituído por 12 perguntas abertas, permitindo uma construção textual independente. A distribuição deste questionário ocorreu de forma sistemática e dentro de um período de dois meses. A análise das mesmas permitiu criar uma cartografia dos temas emergentes desta amostra, que foram analisados e resultaram em observações aprofundadas de alguns participantes, com efeitos na elaboração das descrições densas. E para concretizar uma investigação ainda mais profunda de alguns dos indivíduos – colaboradores desta pesquisa – foi realizada uma entrevista semiestruturada e em profundidade. Contendo perguntas previamente elaboradas pela pesquisadora a partir das respostas ao questionário e dos contatos anteriores, a entrevista foi adaptada para cada um/a conforme a sua trajetória individual. E esta entrevista deu-se através da ferramenta *Skype* em consequência da atual situação de isolamento que vivemos devido ao COVID-19. Acredito ter sido de grande contribuição essa nova ferramenta pois obtive acesso a vários outros elementos – como a gravação em vídeo que permitiu o registo, não só da oralidade como também da expressão facial e dos gestos – que complementam a minha investigação.

As observações informais de pessoas e de práticas comunicativas

As observações informais aconteceram em eventos ou espaços compartilhados com os participantes. Aliadas ao acompanhamento diário das práticas comunicativas dos participantes, elas permitem perceber o padrão de interação para cada espaço dependendo do seu interlocutor e contexto sociocultural. Acompanhei de forma regular as práticas informais no dia a dia de alguns participantes, seguindo-os não só através de espaços off-line – trabalho, casa, igreja, lazer, mas também on-line – *Instagram*, grupos de *WhatsApp*, grupos de *Facebook* entre outros. Durante este processo pude constatar, no seu próprio ambiente, a existência de determinadas práticas comunicativas, diferenciadas conforme os participantes, por exemplo, o participante LM e as suas práticas pessoais ligadas aos usos da rede social *Instagram* – ver o capítulo de Análise de Dados. No caso deste participante, a minha atenção se voltou para os textos e imagens que resultaram dessas práticas nos espaços on-line, como por exemplo: *Instagram* e grupos do *WhatsApp* e *Facebook*. Em consequência, fiz uma narração detalhada, pode-se mesmo dizer, um diário para cada participante. Foram essas estórias pessoais que revelaram os padrões que são aqui analisados. As minhas impressões sobre as práticas a que os participantes recorreram para resolver problemas comunicativos foram discutidas com cada um/a em conversas e entrevistas informais.

Num tempo em que os espaços on-line estão a cada dia sendo mais utilizados, posso constatar como a cada dia aumenta o número das nossas atividades diárias que são mediadas pela tecnologia. Por isso, nada mais compreensível do que observar também esse espaço. Muitas pessoas hoje em dia compartilham suas atividades diárias nas redes sociais. Isso significa que grande parte das pessoas usam as ferramentas on-line disponíveis como uma outra forma de interação. Como usuária da ferramenta social on-line *Instagram*, e pela afinidade e proximidade desenvolvida, foi natural passar a seguir alguns dos participantes nas redes sociais. Um deles se destacou pelo uso do inglês e português através dessa ferramenta. E por isso, foi feita uma análise mais profunda das práticas comunicativas e digitais deste participante no espaço de interação propiciado pelo *Instagram*.

O processo de construção e constituição do corpus

A constituição do corpus para a análise – elemento central desta pesquisa – resulta da coleta de textos escritos, orais e multimodais, mas considera outros aspectos relacionados. Os dados incluem as respostas às questões guiadas (questionário), a descrição densa dos participantes escrita por mim, as notas das observações e conversas informais, os textos multimodais do *Instagram* e as transcrições das entrevistas. As respostas ao questionário

foram devidamente analisadas e resultaram em gráficos onde se puderam identificar os perfis pessoais dos participantes (qualificação, idade, profissão entre outros). Desse ponto de vista, o grupo estudado inclui indivíduos de diferentes faixas etárias, profissões, gênero e comunidades. Da mesma forma foram identificados e cartografados um conjunto de temas sobre estratégias de aprendizagem e construção de identidade, também explicitados através de gráficos.

Por ser uma pesquisa qualitativa com base etnográfica, valorizou-se a atenção ao detalhe de cada caso particular, buscando assim o acompanhamento em profundidade das atividades de cada participante nos seus espaços de interação. E esse acompanhamento gerou as notas de campo que contribuiu para uma descrição densa para cada um/a. A observação e convivência da pesquisadora com os mesmos levou a um conhecimento mais denso, o que contribuiu, não só para a organização das suas histórias de vida, como também para uma melhor percepção das práticas comunicativas por eles exercidas nos espaços de laser (pubs, festas, eventos no contexto de igreja), eventos familiares e em contexto de trabalho.

Para complementar e aprofundar o estudo de alguns integrantes foi realizado entrevista com perguntas de profundidade através da ferramenta on-line *Skype*. A entrevista serviu para acrescentar mais detalhes às histórias de vida e confirmar os dados gerados pela cartografia – os temas emergentes. Igualmente os textos multimodais do *Instagram* e interações em grupos do *WhatsApp* e *Facebook* foram utilizados para a sustentação das narrativas de cada participante, assim como aprofundar e confirmar os temas já levantados.

O ângulo qualitativo da pesquisa determina de forma clara o corpus apresentado. Neste sentido, a quantificação, seja de indicadores sociológicos dos participantes, seja dos temas identificados nos questionários, surgiu como complemento ao trabalho de campo desenvolvido, e contribuiu para a identificação de padrões e temas, a serem apresentados num outro capítulo de análise de dados. Por agora, seguem em abaixo algumas tabelas referentes à recolha dos dados.

Metodologias Usadas

No quadro a seguir apresento os métodos utilizados para efetuar esta pesquisa, número de participantes e explicação breve de como foram realizados. O método principal foi o guia de perguntas (questionário) que acontece simultaneamente com as observações e acompanhamento informais. Como resultado dessa primeira etapa surgiu a necessidade de aprofundamento das práticas de alguns participantes, tendo sido explorados outros espaços

de interação tornando assim necessário recorrer a outros métodos, como a aplicação de entrevistas semiestruturadas e análise de uma ferramenta on-line *Instagram*.

A análise principal foi realizada com os 18 participantes, mas nem todos participaram nas mesmas atividades, tendo alguns interagido em: espaço digital e outros em espaços off-line. No final das observações e interações informais, somente alguns com quem ainda mantenho contato mais frequente foram escolhidos para essa terceira etapa de constituição do corpus. O aprofundamento dos dados, seja com a entrevista ou observação do *Instagram*, foi feito com 5 colaboradores da pesquisa.

1- Figura

Métodos	Participantes	Atividade/Comentário
Questionários - 12 perguntas	18 participantes	Responder perguntas abertas
18 descrições densas – história de vida de cada participante	18 participantes	Através da conversa e convívio informal, faço a descrição e história dos participantes
Observações informais – off-line: casa, trabalho, igreja e pubs. On-line: *Instagram*, *WhatsApp* e grupos de *Facebook*	7 a 10 participantes	Essas observações foram informais, mas não registadas formalmente, elas fazem parte da construção da história de alguns participantes.
Acompanhamento informal da rotina – trabalho, casa e igreja.	Aproximadamente 8 participantes	Alguns deles são colegas de trabalho, outros companheiros de casa e outros amigos que frequentam a mesma igreja e eventos sociais.
Instagram – seguir participante	7 participantes	Sigo alguns dos participantes na rede social *Instagram*, mas um, em especial, se destacou devido ao uso feito dessa ferramenta.
Entrevista informal de alguns participantes	5 participantes	Bate papo informal com alguns participantes para aprofundar a análise.

QUADRO DOS DADOS COLETADOS

Este quadro se difere do primeiro pois apresenta de forma detalhada como se deu a recolha dos dados para cada participante, assim como o processo de formação e construção do corpus a partir da informação disponibilizada. A primeira coluna apresenta os participantes, somente pelas suas iniciais para anonimização e proteção de suas identidades. Tal como já mencionado previamente, o questionário foi o instrumento principal onde todos participaram,

sendo apresentada na segunda coluna a data em que foi realizado. Numa terceira coluna apresentam-se registos de interação informal, que acontece on-line e off-line, em que alguns participantes utilizam o modo on-line somente, outros apenas off-line, outros ainda interagindo através de ambos os modos.

Os grupos de *WhatsApp* foram utilizados frequentemente durante essa pesquisa por ser uma ferramenta bem comum na sociedade no momento. A comunicação por e-mail foi utilizada somente para o envio e recolha das respostas: a maioria utilizava *WhatsApp* para um tipo de interação que exige uma resposta imediata. A comunicação por *chat* no trabalho foi constante durante o período de convívio. O *Instagram* é uma outra ferramenta on-line que começou a ser explorada recentemente, alguns utilizam com mais frequência. Segue também um breve comentário para cada participante de suas práticas comunicativas.

2- Figura

Participante	Questionário	Interação Informal	Grupos de *WhatsApp*	Email	Chat no trabalho	*Instagram*	Comentários
LM	Sim – 19/03/19	Sim	------	Sim	------	Sim	Esse participante tem um uso das práticas linguísticas nas redes sociais.
BC	Sim – 08/03/19	Sim	Sim	Sim	------	--------	A interação com ela foi por um período, pois sua estadia foi somente por um ano letivo.
KG	Sim – 29/03/19	Sim	Sim	-------	-------	Sim	Essa participante era também minha colega de casa, portanto a observação das suas práticas foram diárias.
JP	Sim – 19/03/19	Sim	Sim	Sim	Sim	---------	Esse participante foi meu colega de trabalho e hoje é meu colega de casa, portanto há muita interação.
CG	Sim – 29/03/19	Sim	Sim	-------	--------	----------	Esse participante foi meu colega de

							casa e tivemos muita interação por mais de um ano.
VS	Sim – 12/03/19	Sim	----------	Sim	Sim	Sim	Esse participante foi meu colega de trabalho por mais de um ano.
EF	Sim – 12/03/19	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Essa participante foi minha colega de trabalho, mas ainda temos contato em espaços de laser.
MP	Sim – 10/03/19	Sim	----------	Sim	---------	---------	Essa participante foi minha colega de casa.
AK	Sim – 27/02/19	Sim	----------	Sim	---------	----------	Essa participante trabalhou no mesmo prédio, mas departamento diferente.
SG	Sim – 15/02/19	Sim	---------	Sim	--------	Sim	Essa participante faz parte do mesmo grupo na igreja, mas também temos contato nos espaços de laser.
LG	Sim – 16/04/19	Sim	----------	Sim	Sim	----------	Esse participante foi meu colega de trabalho.
BR	Sim – 15/02/19	Sim	----------	Sim	Sim	Sim	Essa participante foi minha colega de trabalho.
LL	Sim – 14/02/19	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Essa participante foi minha colega de trabalho, mas ainda temos contato nos espaços de laser.
LS	Sim – 30/03/19	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Essa participante é minha colega de trabalho e também

							temos contato nos espaços de laser.
JD	Sim – 14/02/19	Sim	Sim	-------	---------	Sim	Essa participante faz parte do mesmo grupo na igreja e temos também contato nos espaços de laser.
DG	Sim – 15/02/19	Sim	----------	Sim	---------	Sim	Essa participante é uma conhecida de longa data, fomos estudantes em uma mesma sala, dividimos os mesmos espaços de interação no passado, mas hoje é somente on-line.
BM	Sim – 14/02/19	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Essa participante foi minha colega de trabalho e hoje compartilhamos somente os espaços de laser.
MS	Sim – 16/04/19	Sim	----------	Sim	Sim	---------	Esse participante foi meu colega de trabalho.

Conclusão

Dada a natureza complexa dos processos de aprendizagem informal de segunda língua em contextos de imersão, recolher, tratar e analisar exemplos deste processo passa por recorrer a métodos que ultrapassam um olhar apenas linguístico, explorando outras disciplinas que incluem a antropologia, a sociolinguística e a etnografia linguística. De natureza qualitativa, esta pesquisa utilizou a etnografia e a observação participante como métodos, não só para a recolha das histórias de vida de cada participante como para a recolha e documentação das práticas comunicativas através dos vários domínios sociolinguísticos da sua vida quotidiana.

O objetivo deste estudo são as práticas informais de aprendizagem da língua inglesa e as estratégias de negociação de saberes manifestas por um conjunto de falantes que vivem em contexto de imersão em espaços de língua inglesa. Para a recolha de dados para este fim utilizei metodologias qualitativas, optei por uma abordagem etnográfica, procedendo também a análises dos discursos produzidos pelos falantes ao longo da sua participação em práticas simultaneamente linguísticas e sociais. Buscando assim, entender como a comunicação humana estrutura a vida social e como a vida social estrutura o uso da linguagem.

A relação de estruturação mútua entre a vida social e a linguagem é de grande importância para a minha pesquisa e conduz à uma atenção especial para outros elementos envolvidos nessa equação – o indivíduo, a cultura e a história que se correlacionam de forma cooperativa entre si. Esse processo acontece num determinado tempo e espaço, buscando sentido para o mundo à volta através da língua e negociando as relações com os outros através dela – o que somos e o que nos tornamos acontece na linguagem. A socialização da língua é referida como um novo paradigma de base cultural, social e linguístico e que acontece em diferentes domínios com várias situações de aprendizagem da língua em estágios da vida e diferentes faixa etárias. “Our stories are largely about ethnonational, ethnolinguistic categories as they intersect with gender, race and class, at particular moments in struggles between nation-states and the minorities and peripheries they create, at particular moments in the development of capitalism.” (Heller et al., 2017, p. 16).

Quando se analisa os dados coletados é imprescindível a visão subjetiva, e cada vez que revisitar, as impressões podem mudar. Cada processo realizado irá influenciar diretamente o outro e vice-versa. O assunto em pauta é complexo e não tem uma relação simples com o seu meio. Esta pesquisa e os métodos e técnicas considerados aqui nos levarão a ter uma visão do sistema de mudanças dinâmicas que talvez nunca completarão. Então parti do toda para o individual, e assim, terei uma visão do quadro para fazer minhas conclusões em relação as hipóteses e responder às perguntas.

III – REVISÃO DA LITERATURA

"The focus is not on the way symbolic systems are acquired, and grammatical and lexical paradigms are used to encode reality, but on the way language practices are organized within members of a community of language users." (Kramsch. 2002, p.2).

Aprendizagem Informal da Língua Inglesa: sobre o método e a abordagem

Nesta pesquisa investigo à luz das ciências da linguagem a aprendizagem da língua inglesa em contexto de imersão de falantes do português, e a relação que esta aprendizagem tem com a construção de identidades. Por isso é importante perceber as conexões coexistentes entre o indivíduo, a língua e o seu meio. A língua não somente adiciona algo ao significado, mas é uma ferramenta pela qual coisas podem ser feitas. Diante disso, defini passos para obter informações relevantes – questionário para recolher respostas pertinentes ao estudo; observação e diário dos participantes; definição dos aspectos de investigação; geração e análise dos dados; conclusão e respostas às questões levantadas acerca do assunto.

Por estas razões, considero importante iniciar um capítulo de revisão da literatura pela reflexão sobre o método e a abordagem utilizadas, pois uma não parece dissociar-se da outra. Repensar, reestruturar e refazer questões e hipóteses são partes constitutivas desta pesquisa, pois a mesma vai se modificando ao longo do trabalho de campo e análise. Conforme o trabalho foi desenvolvendo, algumas questões tornaram-se mais detalhadas e específicas. "Definitions must get refined, implications must become better delineated, connections more apparent. Research questions may well change at different stages of a project, because you encounter problems or opportunities in the fieldwork, or new data you need to explain." (Heller et al., 2017, p.14). Por isso, redefini e aprofundei algumas questões ao longo do estudo para perceber melhor os aspectos da aprendizagem da língua estrangeira através de um olhar sobre as práticas comunicativas informais e sobre a situação de imersão dos falantes do estudo.

O assunto da aprendizagem informal de línguas é complexo porque não existe uma relação simples entre a aquisição da língua e o meio em que esta se processa. Apoiei-me por isso na reflexão teórica que parte de uma abordagem sociocultural sobre aprendizagem, socialização e aquisição da segunda língua como construção de identidades e de uma perspectiva de construção de dados inspirada pela etnografia linguística. Algumas considerações importantes e pertinentes que guiaram o meu trabalho surgem das perspectivas propostas por autoras que apontam para esta relação intrínseca entre métodos

e abordagens: Claire Kramsch, Patrícia Duff, Ângela Creese, Shazia Jamshed, Eduardo Guimarães e Mônica Heller, entre outros.

Ao pensar sobre estas questões, considero algumas hipóteses – em primeiro lugar, os aprendentes em imersão têm uma vantagem em relação a outras estratégias de aprendizagem pois estão rodeados por uma comunidade falantes da língua inglesa. De uma certa forma, esta imersão reforça a atenção para aspectos não-verbais da comunicação (gestos, expressões faciais) que facilitam a negociação e normalmente não são tratados nos estudos em contexto de aprendizagem formal. Em segundo lugar, os repertórios são utilizados e escolhidos de acordo com o interlocutor e espaço de interação. Neste processo, a rapidez da aprendizagem está ligada à necessidade, a motivação, e ao investimento do indivíduo. Por exemplo, a mistura de vocábulos das duas línguas pode ocorrer conforme um conjunto de fatores: o espaço da interação, o interlocutor, o vocábulo que aparece primeiro. E por último, a adaptação dos falantes à nova comunidade acontece de forma gradual – é uma busca pela aceitação e o direito de falar, no qual a construção da identidade acontece.

Inicio este capítulo com algumas considerações sobre o método, em particular a abordagem da etnografia linguística. A metodologia da pesquisa é uma estratégia abrangente que determina a escolha e o uso de métodos específicos relacionando, quando necessário, com os resultados. Existem diferentes tipos de pesquisa para variados propósitos e objetivos de cada pesquisador, e a escolha de qual tipo, depende também de qual área da ciência se enquadra este assunto em questão, assim como, o objeto de estudo. Pode-se ter uma pesquisa mista que combina as técnicas de pesquisa qualitativa e quantitativa. Segundo, Johnson, "In order to have diverse opinions and views, qualitative findings need to be supplemented with quantitative results." (Apud Jamshed. 2007, p. 87).

Apesar de ter obtido alguns resultados quantitativos, este trabalho tenta desenvolver uma pesquisa qualitativa apoiada na etnografia linguística. Em primeiro lugar, sendo um termo com vários significados ao longo da história, uma abordagem etnográfica pode ser considerada como um processo lento e contingente de construção de objetos de análise pela pesquisadora através do recurso à observação participante. Ao participar e observar de forma sistemática, pretende-se analisar como que as mudanças sociais e culturais podem surgir das práticas que os dados evidenciam e evocam. A abordagem etnográfica utiliza formas sistemáticas de observação e recolha de evidência que captam a participação direta da pesquisadora no local.

A etnografia linguística, um movimento britânico de pesquisa sobre linguagem em contexto, desenvolve uma reflexão teórica e metodológica que se volta para o particular e que, apesar de assumir a sua tradição antropológica, se define num novo clima intelectual da

modernidade tardia e do pós estruturalismo, assumindo a primazia do estudo da linguagem no seu contexto social. Nas palavras de Ângela Creese, "… it aligns itself with a particular epistemological view of language in social context." (Creese. 2008, p. 229). Para Rampton, a etnografia linguística afirma que a linguagem e a vida social estão constantemente se moldando e que a análise profunda da língua em contexto pode proporcionar tanto, ou mais, fundamento e descoberta sobre os mecanismos e dinâmicas linguísticas da produção social e cultural. Neste sentido, a etnografia linguística aproxima-se das abordagens da pesquisa sociolinguística, porque se preocupa em estudar a articulação entre fenômenos de linguagem, cultura, sociedade e cognição. Neste movimento de pesquisa, considera-se que a junção dos dois termos 'linguística' e 'etnografia' é poderosa porque beneficia da atenção à estrutura e à forma – fornecida pelos estudos linguísticos e a atenção aos processos de sensibilidade reflexiva oriunda da pesquisa etnográfica. Refletir sobre os dois conceitos como Rampton sugere, amarra a etnografia e abre a linguística. (Rampton. 2004, p. 3)

Para que a aprendizagem da segunda língua aconteça, o indivíduo é inevitavelmente inserido em um contexto histórico, social e cultural no qual interage para fazer parte desta nova comunidade. A socialização na língua faz-se no processo de integração de um recém-chegado a uma comunidade ou cultura, assim desenvolvendo alguma capacidade comunicativa e construindo identidades neste processo. Isto faz-se através da mediação pela língua, ou, neste caso, adaptando-se às práticas linguísticas dos grupos com quem socializa no decorrer da sua vida quotidiana.

O meu objeto de estudo é a aprendizagem da língua inglesa por falantes de língua portuguesa em contexto de imersão em língua inglesa, na cidade de Cork na Irlanda. Realizo esta pesquisa de modo qualitativo e etnográfico, recolhendo e utilizando os discursos produzidos por estes falantes acompanhando-os ao longo da sua participação nas práticas sociais e linguísticas essenciais no seu quotidiano. Quero entender como a comunicação humana estrutura a vida social e como a vida social estrutura o uso da linguagem.

Dado que os participantes deste estudo são brasileiros e portugueses, ou seja, de origem migrante, é importante considerar que a sua aprendizagem está atravessada por questões sociais associadas a essa mesma condição migratória. Por esta razão, não é possível dissociar as dinâmicas da aprendizagem da língua das dinâmicas de identidade em que estes falantes se encontram, pois tanto o processo de aprendizagem como a constituição identitária fazem parte da história de vida do indivíduo. As experiências do sujeito, sua raça, nacionalidade, opção sexual, sua profissão, entre outros, todos esses aspectos constituem a sua identidade. "Our stories are largely about ethnonational, ethnolinguistic categories as they intersect with gender, race and class, at particular moments in struggles between nation-states

and the minorities and peripheries they create, at particular moments in the development of capitalism." (Heller et al., 2017, p. 16).

Dada a complexidade inerente às dinâmicas de aprendizagem quando articuladas com as dinâmicas de identidade vividas e experienciadas pelos participantes no meu estudo, é necessário clarificar os conceitos, explicitando em que consiste a aquisição, a aprendizagem e a socialização numa língua segunda ou estrangeira. Para tal, recorro à abordagem de Claire Kramsch, que desenvolve um olhar sociocultural sobre a aquisição e a socialização linguísticas.

Socialização e Aquisição de Língua: Aspectos Importantes

Segundo Claire Kramsch, como a língua é um sistema complexo e está em um constante processo de mudança, o melhor caminho para analisar, é o de um sistema não linear e relacional, gerando desordem e efeitos não proporcionais. O que a linguística chama "língua" pode ser uma definição muito limitada, que deve ser definida conforme a funcionalidade dos padrões de comunicação, interação, comportamento, tendo em conta formas multifacetadas de criar significado. Nesta abordagem, o conceito de mediação tem um papel importante pois aponta para o modo como a significação se desenvolve na relação entre artefatos, pessoas e eventos, constatando que aprender e ensinar é considerado um processo aberto, em construção.

Ao invés de ver a língua como uma base de regras de um sistema padronizado e descontextualizado, que opera quase que independentemente dos seus ambientes sociais cultural e biológico, o linguista Ron Scollon considera a língua como uma experiência única de uma pessoa, incluindo a habilidade de traduzir de uma língua para outra. "the whole language of the experience of the person, including the ability to translate from one language to another." (Apud Kramsch. 2002, p. 20). Portanto, ao interagir e comunicar-se, o aprendente transporta consigo suas experiências passadas para aquele exato momento, e isso não depende de qual idioma o indivíduo está a usar.

A socialização na língua acontece através das práticas diárias de comunicação e interação de um indivíduo com o seu meio. Nesse processo ocorre a negociação, pois o indivíduo acessa e processa o que para si é novo antes de significar; e o reconhecimento do já conhecido. Esses passos podem ser observados a todo momento em que as interações acontecem, resultando em resoluções de problemas concretos, ultrapassando obstáculos ao longo da socialização até a construção de diferentes identidades e/ou posicionamentos

identitários. Nesse processo, observa-se uma relação de interdependência entre o indivíduo, meio e o Outro, não deixando de lado o tempo em que acontece para se significar.

Um olhar para o discurso em contexto social revela como as pessoas criam sentidos nas interações e como elas usam a linguagem para se situarem no tempo e espaço. Logo, é necessário atentar aos encontros interculturais e as diferenças nos padrões culturais do comportamento linguístico que levará a construção social da identidade do aprendente. "... in any given actual situation, at any given actual moment, people in those situations are actively constructing their social identities rather than passively living out some cultural prescription for social identity…" (Ochs. 1993, p. 296 – 298). Em todas as interações, o indivíduo emite sinais que revelam aspectos da sua identidade.

Perspectiva Sociocultural da Aprendizagem e Aquisição do Inglês

Os estudos sobre a socialização de segunda língua são recentes (desde 1990) e apoiam-se nos estudos de socialização da primeira língua da década de 1970, que têm como base um entendimento histórico-cultural e sociohistórico sobre a linguagem e a aprendizagem inspirado pelas teorias socioculturais sobre o desenvolvimento humano (Duff. 2007). Segundo Lantolf & Thorne, as teorias socioculturais inspiradas pelo pensamento de Lev Vygotsky têm como objetivo entender o funcionamento mental humano situado nos seus contextos culturais, históricos e institucionais. Neste sentido, e sendo a interação social de primordial importância para o desenvolvimento de conhecimentos linguísticos e comunicativos, dá-se prioridade e atenção às dinâmicas de socialização à luz da construção discursiva dos papéis sociais e das identidades forjadas pelos falantes nesse processo.

A investigação sobre socialização linguística tem a sua raiz na antropologia linguística e inspiração na sociologia, na psicologia cultural e na sociolinguística. Os primeiros trabalhos sobre a socialização em língua materna focavam nas rotinas interacionais onde crianças supostamente apresentariam uma resposta apropriada face aos seus interlocutores. As crianças passariam a usar a língua baseadas nas situações semelhantes que elas haviam presenciado previamente. Segundo Duff, os estudos sobre socialização em segunda língua compartilham alguns dos mesmos princípios e objetivos dos estudos desenvolvidos na socialização em língua materna. No que concerne os falantes adultos em situação de migração, estes apresentam princípios e objetivos mais complexos. Ao contrário do que acontece em contextos de língua materna, os indivíduos que socializam em contextos de segunda língua podem não ter a experiência de acesso, aceitação e adaptação às novas comunidades discursivas, tal como acontece com os indivíduos que socializam, adquirem e

desenvolvem a sua língua materna. No caso que estudamos, as condições de socialização que o indivíduo enfrenta são outras, pois o aprendente é um adulto que, na maioria das vezes, se depara com o novo e ressignifica o mundo que já conhece, desta vez num novo contexto. Nas palavras da autora Duff, ela diz:

> ... they may not be fully invested in becoming socialized into the ways of this group because their future trajectories and goals may not require it, because they remain actively involved in and committed to their primary communities or because they cannot straddle both simultaneously, for practical, logistical or ideological reasons." (Duff. 2007, p. 310).

O indivíduo imigrante adapta-se à nova maneira de expressar-se, mas isso não significa que anule a sua língua ou cultura, e sim constrói uma nova identidade falante na língua inglesa.

Assim como Duff, considero para minha pesquisa dois aspetos das abordagens ao estudo da socialização da segunda língua: foco na indexicalidade da aprendizagem da língua e na importância das comunidades de prática, fundamentais para a orientação nas práticas em segunda língua. (Lave & Wenger 1991; Wenger 1998). Ou seja, na produção verbal em interação social, o indivíduo aponta para um objeto no contexto em que ocorre, que é reconhecido conforme a comunidade e suas práticas socioculturais. Portanto, a socialização na língua estrangeira passa por um processo em que o recém-chegado, ao interagir em práticas verbais e comunicativas partilhadas por grupos e comunidades, vai aprendendo a agir verbalmente até ao momento em que esta atividade linguística é reconhecida como fazendo parte do repertório partilhado por esses grupos e comunidades. É nesse processo de aprender a fazer como os outros que se desenvolvem competências comunicativas legitimadas pelo grupo e a construção da identidade dos falantes como membros plenos (e já não periféricos) da comunidade de prática.

Os aprendentes de segunda língua negoceiam suas identidades no decorrer das suas práticas socioculturais. A comunicação dos indivíduos neste contexto de imersão não é um vácuo social, antes um processo em que se desenvolvem novos papéis sociais, posições e pontos de vistas, ou seja, em que se negoceiam os seus `eus` na L2. Por essa razão, "... language learners need to be studied as negotiators in the relations of power that are stablished when entering into contact with the L2." (Solé. 2007, p. 203). Ou seja, a validação nas novas comunidades onde estes falantes se inserem passa por um reconhecimento da sua voz – o seu direito de falar e de encontrar espaço nesse novo mundo que corresponde a novas posições do seu 'eu'.

Aprendizagem de Língua Inglesa em Contexto de Imersão

> "This issue is also relevant in two-way immersion programs. Immersion is an additive program, enriching the learner's linguistic repertoire (number of languages) without negatively affecting the first language." (Lambert, 1975).

Para os participantes do meu estudo, a aprendizagem da língua inglesa fez-se em imersão. Aprender uma língua em contexto de imersão acontece através da participação em práticas quotidianas, através da exposição dos falantes a uma grande variedade de situações de aprendizagem, que podem surgir em diversos estágios da vida e diferentes faixa etárias. Em caso de deslocações territoriais como o das migrações, os indivíduos expõem-se a uma multiplicidade de novos tipos de interações - verbais e não-verbais - que, para além da língua (sistema), engloba outros aspetos importantes como o contexto, a subjetividade do sujeito e o encontro com um Outro (a alteridade). Este processo de imersão linguística é de natureza adicional, pois enriquece o repertório do aprendente sem afetar a sua língua mãe: ao entrar num contexto desconhecido, o indivíduo visualiza e nomeia um objeto, utilizando para tal a língua desconhecida (a língua-alvo) sem necessitar de recorrer ao seu correspondente na língua materna, acedendo-lhe de forma natural e sem consciência de tal ato.

Segundo Vygotsky (1978), a língua é uma ferramenta psicológica que liga a mente ao mundo real. No uso da língua faz-se a mediação da cognição e do afeto, ou seja, a língua não serve somente para enviar mensagens de falantes para ouvintes, mas para construir uma ideia que se espera transmitir. "in learning a new language, one does not return to the immediate world of objects and does not repeat past linguistic developments but uses instead the native language as a mediator between the world of objects and the new language." (Apud Swain. 2003, p. 106). Portanto, ao aprender uma nova língua, o indivíduo usa a sua língua materna para estabelecer uma articulação entre o objeto e a nova língua. Ou seja, quando o aprendente está imerso no novo mundo, esse processamento acontece de forma natural durante suas interações.

O indivíduo adulto que emigra tem uma identidade, história, cultura, experiência e língua, portanto sua integração à nova sociedade será influenciada por questões sociais, econômicas e culturais. Mas o seu maior desafio é a habilidade de comunicar-se na língua do contexto de chegada. No entanto, apesar de a maioria dos falantes migrantes não possuir conhecimentos na língua alvo, comunicam-se com a ajuda de gestos, expressões faciais, e com o apoio de outros falantes (como tradutores) e cada vez mais através do uso das ferramentas tecnológicas, como explicito no capítulo IV, análise de dados.

Segundo Bonnie Norton Peirce (1997), “Every time language learners speak, they are not only exchanging information with their interlocutor; they are also constantly organizing and reorganizing a sense of who they are and how they relate to the social world.” (p.410). Portanto, ao interagir com um novo contexto, o aprendente cria e negoceia uma nova identidade linguística, adquirindo capital linguístico com valor no mercado das trocas verbais no país anfitrião (Bourdieu, 1991). Como a língua inglesa ganhou o prestígio de língua mais utilizada no mundo dos negócios, ela tornou-se uma valiosa moeda de troca, por isso o crescente interesse no domínio desse idioma. Segundo Chiswick & Miller (1995), “Language skills are a form of human capital because they are embodied in the person; they are productive in the labour market and/or in consumption; and they are at a sacrifice of time and out-of-pocket resources.” (Apud Tranche, 2012, p.105). A aquisição desse capital linguístico do país anfitrião acontece através das práticas sociolinguísticas e depende do comprometimento e interação do emigrante na nova sociedade.

Portanto, a comunicação do aprendente no contexto de imersão está diretamente ligada a dois aspectos fundamentais – a motivação e o investimento. Num mundo globalizado, as competências linguísticas aparecem como sendo importantes e tendo valor, principalmente em contexto de mobilidades e migrações, onde a língua surge como um bem essencial à integração. Esta apresentação pública simbólica do poder das línguas afeta a vontade dos indivíduos em aprender línguas. Motivado por um sentimento, o indivíduo é levado a investir naquilo que considera que resulta no sucesso da sua interação com e na aceitação pela nova comunidade. É este conceito de investimento (mais do que motivação) que reflete a relação do aprendente com a língua alvo e o seu desejo/necessidade de falar a língua. Como diz Norton Peirce, “... a conception of investment rather than motivation to capture the complex relationship of language learners to the target language and their sometimes-ambivalent desire to speak it.” (Peirce. 1995, p. 9).

Por causa das distinções dicotômicas entre aprendente e o mundo social, existem muitas divergências entre os pesquisadores sobre como as variáveis afetivas influenciam a interação com o contexto social. Apesar de a motivação ser um aspecto individual, ou seja, aparentemente independente do contexto social, é importante considerar como a autoconfiança do aprendente tem o poder de motivar o indivíduo para a aprendizagem. Esta autoconfiança será construída se o aprendente tem experiências positivas no contexto da segunda língua. Neste ciclo, o aprendente autoconfiante ousa falar, desenvolvendo a percepção do direito de falar e pertencer à nova sociedade. Segundo Gardner (1985), “Self-confidence develops as a result of positive experiences in the context of the second language and serves to motivate individuals to learn the second language.” (Apud Peirce. 1995, p. 11). Peirce considera que existe na literatura sobre este assunto uma distinção artificial desenhada

entre o individual e o social que leva a conclusões arbitrárias de fatos particulares sobre o social e individual sem justificativas. Por exemplo, nos estudos por ela analisados, os pesquisadores não abordaram de forma clara por que razões aprendentes apresentam um perfil motivado, confiante, extrovertido em alguns momentos e em outros, um perfil desmotivado, ansioso, introvertido. A aprendizagem acontece em contexto de imersão, mas nos espaços de interação informal e considera aspectos externos e internos – social, indivíduo, língua – para a sua realização.

Negociação e Construção Identitária

Nas décadas mais recentes, a linguística aplicada tem assistido ao desenvolvimento da pesquisa sobre identidades sociais dos falantes de segunda língua, assim como a articulação entre a língua e o indivíduo (e.g. Belz, 2002; Kramsch, 2000; Lantolf & Pavlenko, 2000; Norton, 1997, 2000; Norton & Toohey, 2001, 2002; Pavlenko, 2001, 2002, 2003). Ao estudar a construção de identidade na aprendizagem da segunda língua, é preciso considerar alguns aspetos dos falantes: sua origem, experiência, história, valores e subjetividades. Nesta abordagem, “the language learner is seen as the locus of the intersecting social relationships s/he has constructed in the new target community of practice.” (Solé. 2007, p. 204). Assim, sendo o aprendente o elo de ligação entre a língua, cultura e sociedade, a pesquisa sobre aprendizagem de línguas deve ser necessariamente multidisciplinar.

A abordagem pós estruturalista e sociocultural da aprendizagem da língua rompe com conceitos determinados previamente. Afasta-se do conceito de identidade construído de forma coerente e essencialista, e apresenta o aprendente como sendo complexo e dinâmico, considerando o indivíduo na sua subjetividade fragmentada, multifacetada e em constante mudança. A construção de um ‘eu’ na segunda língua observa a identidade como resultado de um processo dinâmico que considera as práticas de socialização, a cultura e a subjetividade do indivíduo. “Identities are not given but negotiated.” (Solé. 2007, p. 204). As identidades vão mudando de acordo com a situação, ambiente, o outro e a subjetividade. Portanto é no processo de apropriação da língua alvo que o aprendente toma parte do mundo a sua volta, assim construindo o seu ‘eu’ na segunda língua.

Nesta visão pós estruturalista e sociocultural os aspectos sociais e culturais são essenciais para o entendimento de como o aprendente constrói sua identidade. E a identidade social mostra o presente e revela a relação do indivíduo e o seu meio, já a identidade cultural enfatiza os seus significados culturais compartilhados de um grupo. Logo, as identidades são geradas por estruturas específicas sociohistóricas. “…when language learners use and

acquire a new language, they are creating their historical and social realities for themselves." (Solé. 2007, p. 204). Ao aprender uma nova língua o indivíduo constrói sua história e realidade, proporcionando o status de pertencer a essa nova sociedade.

Apesar da importância da língua na construção do 'eu', os aprendentes não são considerados automaticamente parte da nova comunidade, eles estão a todo tempo negociando e se esforçando pelo seu direito de falar. Buscam o tempo todo serem reconhecidos e legitimados como falantes da língua alvo e estabelecer seu lugar nas práticas dessa nova comunidade. A língua não é somente um meio de comunicação, mas também um instrumento de poder para ter acesso às novas comunidades e práticas sociais. "The speaker has to build and negotiate his/her linguistic voice to be accepted in the new community of practice and take a new role." (Solé. 2007, p. 205). A legitimidade linguística não significa ter nascido ou passado a maior parte da sua vida em uma comunidade linguística específica, mas sim estar aberto a adaptação a novos significados históricos e às negociações de novas posições sociais de si. "... language learners will have to legitimise their positions in the target language." (Solé. 2007, p. 206). Portanto, para analisar essas novas perspectivas que o aprendente se envolve, é preciso observar as mudanças de posicionamento quando ele participa em contextos mediados pela língua alvo. De acordo com Kramsh (2003) três aspectos deste encontro são essenciais: o plano histórico-cultural, o plano social- institucional e o plano pessoal.

No primeiro, o aprendiz de falante da língua apresenta-se na sua história (individual e coletiva) e relaciona, negoceia e adapta-se, adotando um papel neste grupo. No segundo, ele busca alinhar com um grupo com quem encontra afinidades – ligadas à sua profissão, suas raízes e formação educacional. Já no plano pessoal, o aprendente exerce o seu papel dentro de um contexto de interação particular, onde se posiciona e projeta uma nova voz. Neste contexto, a definição de uma palavra não é fechada ou completa, mas está em contínuo movimento. Por isso, cada enunciado é único em significação, pois o posicionamento do sujeito e a sua visão do mundo nunca serão idênticos ou proferidos do mesmo lugar. Isso acontece devido as negociações e resistências que o indivíduo experiencia no momento da sua interação com o meio.

> Perhaps instead of thinking of identity as an already accomplished fact, which the new cultural practices then represent, we should think, instead, of identity as a production, which is never complete, always in process, and always constituted within, not outside, representation. (Hall. 1994, p. 222).

Qualquer enunciado se situa num lugar particular na história e cultura, e tudo o que se fala está sempre posicionado e contextualizado. Segundo Stuart Hall, existem dois tipos de identidades – a compartilhada, refletindo experiências comuns – definindo um povo; já a outra é uma questão tanto de ser como de se construir. As identidades têm histórias e estão em constante transformação: sendo os posicionamentos dos indivíduos dentro das narrativas do passado, elas são também os pontos de identificação e instabilidade/sutura que são construídos dentro dos discursos da história e cultura. Logo, a identidade não é uma essência e sim um posicionamento. “Cultural identities are the points of identification, the unstable points of identification or suture, which are made, within the discourses of history and culture. Not an essence but a positioning.” (Hall. 1994, p. 226).

Algumas identidades culturais são formadas por pontos distintos que operam simultaneamente: similaridade e continuidade, diferença e ruptura. Portanto, quando um individuo sai do seu país para se estabelecer em outro, enfrentará situações desafiadoras para a construção de uma nova identidade, pois encontrará semelhanças, mas também muita resistência, levando assim a uma negociação e adaptação contínua. No entanto, mas raramente terá o sentimento de ‘pertencente’ àquela sociedade, e tão pouco se ajustará novamente ao seu lugar de origem sua nação, pois já não é o mesmo indivíduo que outrora deixaste o seu país. Mas toda essa dinâmica, dependerá muito da experiência única de cada um acrescido do contexto histórico social em que cresceu, isto é, colônia ou colonizador. “Diaspora identities are those which are constantly producing and reproducing themselves anew, through transformation and difference.” (Hall. 1994, p. 235).

Considerações

Diante do desafio de entender como acontece o processo de aprendizagem da língua inglesa em contexto de imersão, dá-se atenção para alguns elementos essenciais na constituição deste cenário – o indivíduo, a língua e o meio. E para realizar de forma efetiva este estudo, o método escolhido é a pesquisa qualitativa com observação participante. Portanto, os elementos ressaltados são essenciais para pensar sobre as questões iniciais e as hipóteses, o desenvolvimento da metodologia, análise dos resultados e conclusão.

A principal motivação para esta pesquisa surge da minha experiência de falante da língua inglesa vivendo num país de língua inglesa. Como aprendente, e ao mesmo tempo, pesquisadora, nutria muitas questões em relação ao processo de aprendizagem da língua. Desde logo, surgem algumas hipóteses quanto à negociação das estratégias de aprendizagem, a superação dos obstáculos e o uso do repertório, o tempo necessário para a

aquisição e comunicação, a adaptação à nova cultura, sociedade e língua. Se a negociação de sentidos recorre a uma complexidade de meios (não só linguísticos), já o ritmo de aprendizagem parece estar ligado à necessidade, motivação, e o investimento do indivíduo. A adaptação é gradual e acontece quando o aprendente se posiciona e fala, levando a construção de uma identidade de 'falante de inglês', atravessada por vários planos de construção da diferença: histórico-cultural, sócio institucional e pessoal.

Um olhar para a socialização da língua torna visível a base cultural e social do conhecimento linguístico; um olhar para a imersão aponta para a grande variedade de situações de aprendizagem da língua em vários estágios da vida e diferentes faixa etárias. Aprendentes de língua estrangeira não aprendem apenas, eles estão também constantemente comprometidos em julgar a relevância, validade, pertinência e utilidade do conhecimento. O julgamento pessoal, o sentido do que é bom e bonito surge com a subjetividade do aprendiz. A aprendizagem da língua surge, assim, nas relações que o aprendente estabelece com a comunidade e as perspectivas do novo contexto. Diante disso, o aprendiz de falante não aprende apenas as habilidades linguísticas, mas desenvolve uma sensação de pertença à comunidade discursiva em questão. Quando o falante da segunda língua adota uma nova posição na nova comunidade discursiva, ele/ela verá o mundo dessa perspectiva.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresento o meu percurso de análise dos dados recolhidos. Ao observar como o processo de aprendizagem acontece e quais as práticas linguísticas e sociais mais contribuem para este processo de aprendizagem, fui percebendo que as motivações do individuo e a sua exposição a língua são essenciais. Segundo Spolsky (1989), "extensive exposure to the target language, in relevant kinds and amounts, and the opportunity to practice the target language are essential for second language learning: Learning cannot proceed without exposure and practice." (Apud Pierce. 1995, p. 14).

O aprendente se expõe e pratica a língua em duas formas: a natural – meio informal e formal – sala de aula. Na minha pesquisa, a maioria dos participantes não estão em um ambiente formal de aprendizagem, e muitos não se colocam nesse grupo de aprendizado da língua estrangeira. Por essa razão diria que estão mais inseridos no meio informal. No entanto, ao considerar o ambiente de trabalho e suas interações, percebo que muitas características são similares com os contextos formais, porque se encontram regulados por instituições sociais com as suas regras e suas normas.

O capítulo inicia-se com uma apresentação dos participantes e suas narrativas, com um destaque particular para os participantes cuja experiência foi mais significativa para o trabalho. Apresento de seguida os resultados do questionário e os temas que emergem desta análise. Na secção seguinte, cruzo temas emergentes e narrativas pessoais para identificar alguns dos caminhos de aprendizagem mais significativos. O capítulo termina com um esboço de análise de textos produzidos por um dos participantes do estudo, ilustrando como alguns dos caminhos de aprendizagem identificados se manifestam nos mecanismos linguístico-discursivos utilizados neste falante em particular.

Conhecendo os Participantes

"… the names we give to the different ways we are positioned by, and positioned by, and position ourselves within, the narratives of the past." (Hall. 1994, p. 225).

Apresento uma breve narrativa da estória dos participantes, pois acredito que minha pesquisa e análise de dados aponta para uma descoberta identitária no processo de aprendizagem da segunda língua vivida por cada participante/falante. Ao todo são dezoito participantes, anonimizados conforme as políticas de privacidade e proteção de dados.

LM foi nascido e criado em uma das favelas do Rio de Janeiro, resolveu estudar inglês na Irlanda porque queria conhecer outras culturas e aprender com nativos a língua para acelerar o processo. Como sempre usou a rede social *Instagram*, resolveu mudar o nome do seu perfil para "pobrenairlanda" quando se mudou e passou a contar o seu dia a dia de intercambista para ajudar outros brasileiros, que assim como ele, queriam estudar e trabalhar na Irlanda. Quando chegou não entendia muita coisa, seu primeiro mês de acomodação foi em um pensionato de estudantes onde conviveu com pessoas de várias outras nacionalidades e onde precisou se comunicar somente em inglês. Logo depois conseguiu trabalho. Nas suas palavras, foi a sua convivência diária com falantes de inglês que ajudou no desenvolvimento e evolução da sua aprendizagem.

BC é também do Rio de Janeiro. Formada em Nutrição, teve o interesse por aprender o inglês para obter melhores oportunidades de emprego e qualidade de vida, mas outro ponto importante para a sua mudança é a violência crescente no Brasil. A sua interação na nova comunidade tem sido satisfatória pois mora com uma família irlandesa e o convívio com os colegas que não falam português foram fatores muito importantes na contribuição desse avanço.

KG é de uma cidade pequena do estado de Minas Gerais. Ela se mudou para a Irlanda com os dois filhos porque o seu marido perdeu o emprego no Brasil e com a crise não conseguiu uma nova oportunidade. Diante desse cenário, ele veio primeiro para aprender inglês para ter oportunidades de emprego. Como o seu marido é cidadão europeu (espanhol), ele decidiu ficar na Irlanda e logo arrumou trabalho. Depois de um ano, KG e os dois filhos se mudaram para Cork. A adaptação da família foi difícil pois os filhos e KG não falavam a língua inglesa. Depois de alguns meses, os filhos, que foram frequentando a escola regular, começaram a entender, mas KG ainda "tem muitas dificuldades".

JP é de Lisboa e se mudou para Cork para trabalhar. Devido a isso ele precisa usar o inglês na maior parte do tempo do seu dia a dia. Sendo assim, JP disse que o fato de morar na Irlanda melhorou sua fluência, pronúncia e vocabulário. A sua ideia da aprendizagem da língua está ligada à sua função instrumental no trabalho e não relacionada com a interação com o meio social. De acordo com a sua perceção, houve um aprimoramento e aquisição de um novo vocabulário, e isso, está ocorrendo de forma gradual conforme suas práticas sociais e linguísticas vão se intensificando.

CG é de uma cidade pequena no interior de Minas Gerais. Como a situação econômica estava difícil no país, onde perdeu o emprego, resolveu buscar oportunidades de trabalho na Irlanda. Depois de um tempo, resolveu trazer toda sua família, esposa e dois filhos. Sua rotina é estudar e trabalhar, não participa de nenhum outro grupo que fale inglês, portanto usa a língua

inglesa somente na escola e trabalho. Ele diz que a mudança de país contribuiu muito para a melhor compreensão da nova língua.

VS é de São Paulo e veio para Irlanda como estudante para aprender a língua inglesa, ele gostou muito da experiência de viver neste país e resolveu ficar. Como sua família tem descendência italiana, ele arrumou sua documentação para viver legalmente no país e conseguir um bom trabalho. Quando ele veio estudou inglês em escola de línguas na Irlanda e trabalhou como *'Au Pair'* com uma família irlandesa, onde cuidava de um menino de 8 anos, e aprendeu inglês devido a essa convivência. Depois de ter obtido a sua cidadania italiana VS está somente trabalhando.

EF é casada e tem dois filhos. Veio para Irlanda há dois anos para dar uma vida com qualidade e mais segura para seus filhos. Sendo do Rio de Janeiro, vivia com medo por causa da crescente violência na sua cidade. Os seus filhos não tinham liberdade para fazer nada, agora eles vão para escola sozinhos, podem brincar em frente de casa, pois ela vive em uma região residencial. Desde que chegou só usa o inglês no trabalho e com alguns amigos que não falam português.

MP veio para Irlanda com seu marido para estudarem inglês e começarem uma nova vida. Ela não havia estudado inglês antes e chegou com pouco conhecimento, mas se esforçou nos estudos e logo no início já arrumou um trabalho, o que a ajudou muito nesse seu processo de aprendizagem. Queria sair do país porque queria independência e liberdade para morar onde quisesse, e aprender inglês foi o primeiro passo dessa liberdade.

AK é brasileira do interior de São Paulo e veio para Irlanda com o namorado para estudarem inglês para terem uma melhor oportunidade de emprego. Mas desde que chegou, seus planos mudaram um pouco, hoje ela pensa em fazer um mestrado na Europa. Ela atualmente está trabalhando e estudando. Tem muitos amigos que não falam português, portanto precisa usar o inglês no trabalho, escola e em muitos momentos de lazer. Ela diz que decidiu fazer o intercâmbio pois aqui iria "usar a língua de uma forma mais natural".

SG veio para Irlanda para estudar inglês porque a sua profissão requer essa habilidade para um melhor desempenho. Por isso, ao chegar em Cork, logo se matriculou numa escola de línguas onde estudou por seis meses. Logo depois conseguiu um emprego e foi durante suas interações no trabalho que ela começou a desenvolver mais a sua capacidade de comunicação na língua inglesa. Ultimamente SG tem estudado sozinha, e continua a praticar a língua inglesa na igreja e no trabalho.

LG é português e veio para Irlanda por causa do trabalho. Ele diz ter estudado inglês quando estava no ensino secundário, mas o motivo da sua mudança de país foi em busca de melhores oportunidades profissionais.

BR é de São Paulo e veio para Irlanda aprender inglês porque sempre gostou muito dessa língua e estudou quando ainda estava no Brasil. Por isso quando se mudou para Cork não teve muitas dificuldades, só precisou se acostumar com o sotaque irlandês, ela gostou muito da experiência e decidiu ficar no país. Como sua família tem descendência italiana, foi para Itália e providenciou sua documentação para morar legalmente na Irlanda. Logo depois, conseguiu um bom trabalho de tempo integral no qual tinha que usar a língua inglesa o tempo todo e lhe ajudou com sua pronúncia e melhor entendimento.

LL fazia Faculdade de Letras no Brasil e resolveu fazer um intercâmbio para aprender o inglês, que era sua área de estudo na universidade. Seu objetivo era ficar por seis meses para viver a língua e aprender essa nova cultura, mas durante esta experiência ela conheceu seu marido. Começaram a namorar no fim do intercâmbio, mas ele não queria que ela voltasse. Então, ela ficou por mais uns meses para conhecê-lo melhor, mas precisava voltar pois o visto expirou. Tendo voltado para o Brasil, não terminou a faculdade. O seu marido foi ter com ela para passar um tempo, conheceu a sua família e casaram-se.

LS é do Rio de Janeiro e decidiu aprender o inglês quando estava na faculdade porque estudava turismo, pois conhecer uma outra língua era essencial. Foi para o Canadá, onde morou por um ano, mas no fim do seu intercâmbio conheceu seu parceiro de nacionalidade checa e começaram a namorar. Voltou para o Brasil e ele foi para lá passar um tempo; depois ela foi para a República Checa e conheceu a família dele, mas ambos precisavam de decidir em conjunto um lugar neutro para morar. Escolheram a Irlanda, pois ela como brasileira poderia estudar e trabalhar por até 2 anos com visto. O casal está junto há 5 anos e a comunicação entre eles continua sendo somente em inglês.

JD se mudou para Cork por causa do trabalho de comissária. De nacionalidade romena, viveu sua infância na Romênia. Seus pais decidiram se mudar para Lisboa em Portugal quando ainda ela era uma criança, pelo que passou mais tempo da sua vida falando português do que romeno. A sua relação com o aprendizado da língua é interessante, pois para algumas situações em família, ela usa o romeno, no trabalho e na igreja, o inglês, e com alguns amigos fala português. JD considera o português sua língua materna em vários aspectos, dado que em situações em que está sozinha, tem tendência a usar mais o português do que o romeno.

DG é de Porto Alegre, sul do Brasil. Sempre gostou de inglês e não é a primeira vez que mora em um país onde se fala a língua inglesa. Sua primeira experiência foi nos Estados Unidos quando ela fez o programa *"Work and Travel"* – onde ficou por seis meses – o que ajudou muito no desenvolvimento da fala e vocabulário específico do contexto hoteleiro. Depois viveu por dois anos na Inglaterra onde se dedicou ao estudo mais sistemático da língua. Juntamente com o trabalho, desenvolveu mais vocabulário, expressões e fala, também devido a exposição à língua por um período mais longo. Por último, resolveu mudar-se novamente para um outro país de língua inglesa pois queria ter uma experiência acadêmica, e ingressou no mestrado. Essa nova experiência possibilitou o conhecimento de outras formas de uso da língua, pois estudou numa instituição irlandesa, fez trabalhos e apresentações e obteve o reconhecimento que procurava nessa nova prática de uso académico da língua inglesa.

BM é de São Paulo e veio para Irlanda para aprender inglês há cinco anos atrás. Por causa da sua formação em Tecnologia da Informação, o conhecimento da língua inglesa era necessário para acessar as plataformas que precisava para executar seu trabalho, portanto, a sua necessidade de saber a língua foi o principal motivador para essa mudança de país. Sua intenção era estudar e aprender a língua inglesa para ter uma comunicação no ambiente de trabalho, mas depois que chegou, percebeu que esse processo não seria simples e rápido como queria. Ao se adaptar a este novo estilo de vida ela percebeu que poderia ter uma vida com mais qualidade e segurança, e resolveu ficar. Hoje vive com seu parceiro de nacionalidade checa, tem um filho de três anos que está começando a falar e a aprender português, inglês e checo.

MA é português e mudou-se para Cork por causa da proposta de emprego que recebeu da empresa Voxpro em Cork. Ele trabalha no departamento de fraude, estudou até o 12º ano. Ele diz que a razão para mudar de país não foi de estudar a língua inglesa, mas o fato de morar na Irlanda contribuiu um pouco para o desenvolvimento da sua fala, compreensão e novos vocabulários.

Estudo de Casos Selecionados

Após a aplicação do questionário, ferramenta usada para acessar e coletar as informações fiz o aprofundamento da minha pesquisa, trabalhando com três participantes que apresentaram características únicas desse processo de aprendizagem e indícios que reforçam alguns dos temas emergentes. Ao relatar e percorrer uma fração das histórias de vida dos três participantes, considero as suas experiências, histórias e subjetividades. O primeiro elemento identificado é a motivação sem a qual nada se concretizaria; o segundo,

tão importante quanto e intrinsecamente relacionado com o primeiro, é o investimento que leva a execução de uma ação que aponta para a obtenção de um resultado – a aprendizagem.

> ... learners invest in a second language, they do so with the understanding that they will acquire a wider range of symbolic and material resources, which will in turn increase the value of their cultural capital. Learners will expect or hope to have a good return on that investment. (PEIRCE – 1995 – P:17).

Assim, a motivação nesta pesquisa é percebida como um aspecto interno e subjetivo que estimula o aprendente a dar uma resposta – investimento – que tenta capturar o relacionamento do aprendiz com o mundo social e sua complexidade subjetiva.

Salvaguardando a sua privacidade, apresento de seguida cada um dos três escolhidos, tendo em conta a primordial importância das histórias e narrativas na construção das suas identidades pessoais.

"In short, personal stories are not only a way of recounting one's life events, but more importantly, they are the means by which identities are constructed." (Solé. 2007, p. 208).

LM – Conheci o participante LM através da rede social *Instagram*. O seu perfil chamou-me a atenção por suas práticas sociais relacionadas com o seu processo de aprendizagem da língua inglesa e posicionamento identitário diverso: pobre, negro, favelado, gay e cristão. Oriundo de uma família de uma das favelas do Rio de Janeiro, sem condições financeiras para fazer uma faculdade, visualizou um futuro com um emprego promissor se aprendesse a falar o inglês fluentemente. Logo estava claro o que precisava fazer, mas ao invés de começar a estudar, trabalhou e economizou para pagar um intercâmbio na Irlanda pois achava que iria aprender mais rápido se vivesse num país que tivesse o inglês como língua oficial.

BM – Ela é mãe, esposa e profissional da área de TI, mas trabalha no WFM (gerenciamento dos empregados) para Voxpro. Trabalhámos juntas nesta empresa no departamento de fraude em 2018 e 2019. Faz sete anos que se mudou para Irlanda, sua decisão baseou-se no desejo de viajar, se aventurar e conhecer diversos lugares e culturas. Ela veio para Cork pois "havia menos brasileiros, sendo assim, iria aprender mais rápido pela necessidade de uso intensivo do inglês". Após estudar por seis meses na escola BM começou a trabalhar como Au Pair e esta experiência que lhe proporcionou uma melhor compreensão do inglês. Devido a esta melhoria, conseguiu um emprego num café onde desenvolveu a habilidade de se expressar, tendo depois conseguido uma posição de especialista em fraude na Voxpro. Nessa trajetória, ela conheceu o seu marido e hoje eles têm um filho de três anos. Sua motivação continua sendo viajar e conhecer novos lugares.

EF – Quando era adolescente fez um intercâmbio para a Nova Zelândia onde morou por seis meses, depois aos dezoito anos fez o programa *'Work and Travel'* para os Estados Unidos com o seu namorado, hoje marido. EF é do Rio de Janeiro e lá morou até a vida adulta. Mas depois que teve os seus filhos, o dia a dia de insegurança devido a crescente violência na cidade levou-a a pensar em mudar de cidade, até mesmo de país. Após algumas pesquisas de países para morar, ela e o marido visitaram algumas cidades na Irlanda e gostaram muito de Cork, não só devido à estrutura da cidade como às oportunidades de emprego para ela e o marido. Tendo matriculado os filhos na escola, logo arrumou um emprego de recepcionista, que a ajudou a ganhar confiança para comunicar: apesar de ter feito intercâmbio anteriormente, EF não usava o inglês no seu dia a dia, e teve muita dificuldade na adaptação ao novo sotaque. Um tempo depois, conseguiu uma oportunidade na Voxpro, no departamento de fraude onde nos conhecemos.

Análise dos Questionários e Identificação dos Temas

O questionário foi uma ferramenta usada para acessar e levantar dados preliminares, tendo sido aplicado a uma parcela de 18 indivíduos que migraram para Irlanda, e vivenciaram o processo de aprendizagem da língua inglesa. A análise das respostas levou a algumas conclusões importantes para este estudo. A totalidade (100%) dos que responderam ao questionário admitem um impacto da imersão linguística no seu processo de aprendizagem. E as razões para essa imersão são bem comuns entre os participantes, como por exemplo: viver novas culturas, contato com falantes de inglês como língua materna e o desenvolvimento de fluência na língua inglesa.

Os participantes, mesmo os que disseram não terem vindo para aprender a língua inglesa, dizem que há uma melhora das suas capacidades de se comunicarem em inglês. Todos são unânimes em dizer que querem: "viver novas culturas". Essa é uma fala importante, pois o que é uma língua sem a cultura, uma não vive sem a outra, elas são indissociáveis. Aprender uma nova língua não é só dizer palavras diferentes, mas saber em qual situação irá usá-la, e isso só irá aprender vivendo nessa nova realidade através dos espaços e grupos.

A análise das respostas permite-nos identificar padrões comuns, o que pode revelar alguns aspectos relacionados com um processo mais genérico de aprendizagem. Segue a apuração quantificada para os temas que surgiram, assim como outros aspectos que julgo pertinentes para a minha pesquisa. Uma vez que os temas se repetiram nas respostas, e portanto demonstraram ser comuns aos participantes, a visualização dos dados numéricos

pareceu-me pertinente. Após a introdução aos temas emergentes, identifico três aspetos que surgiram da análise dos dados: a motivação para a aprendizagem, as estratégias de sobrevivência, e finalmente a auto percepção dos participantes, ou seja, a percepção da sua identidade como falantes de língua inglesa.

3- Figura

Todos os temas levantados estão relacionados com a aprendizagem da língua inglesa, mas alguns estão presentes de uma forma mais intensa, por exemplo: “aprendizagem por obrigação”; “conhecer culturas e viajar”; e “aprendizagem como investimento”; as “estratégias”. Para compreender melhor como o indivíduo concretiza a sua aprendizagem, considerei espaços para além da escola e dos livros didáticos. Portanto, o primeiro tema que gostaria de explorar é o da “aprendizagem por obrigação”.

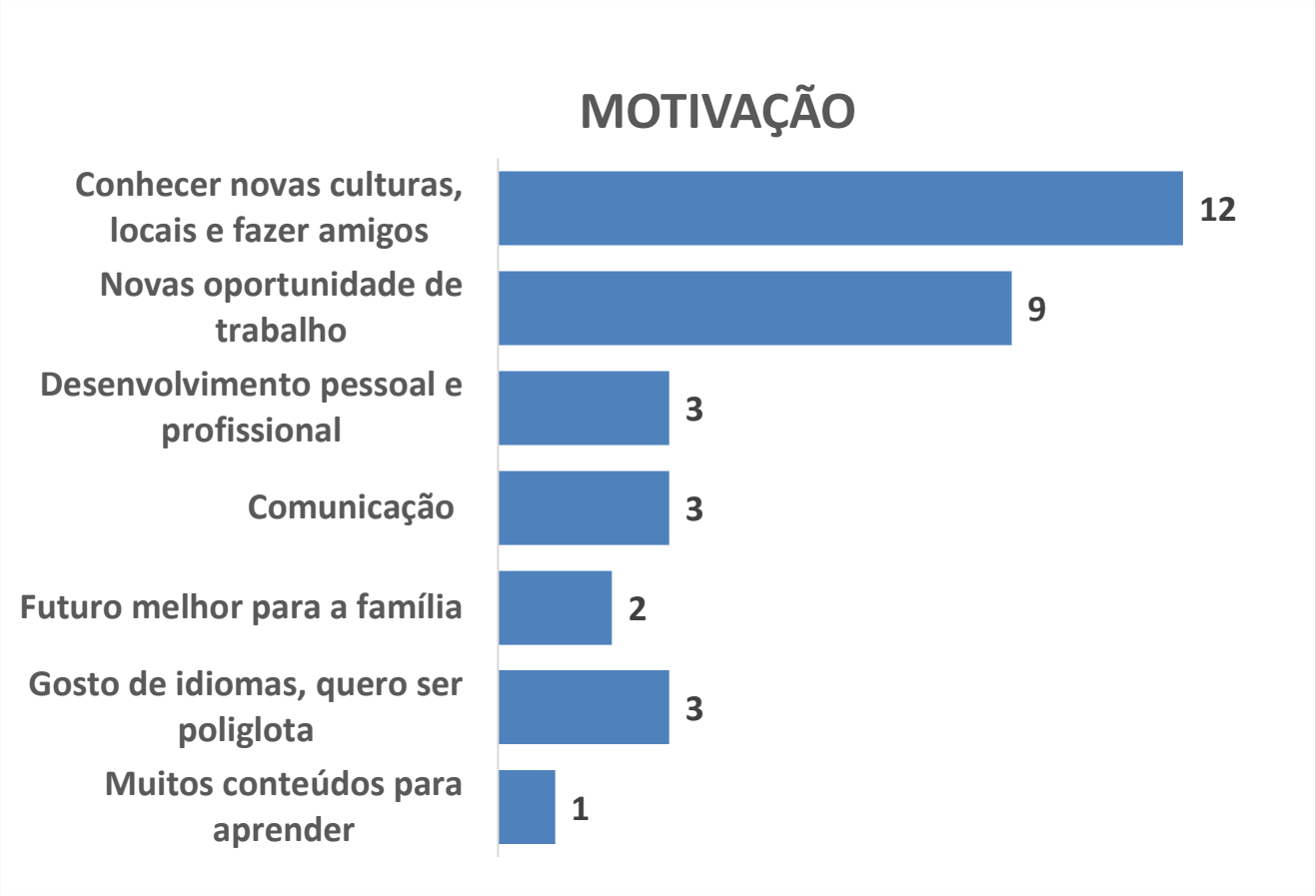
A participante BC demonstra com clareza a ideia de aprendizagem por obrigação, pois fala muitas vezes que precisou se dedicar e estudar para conseguir se comunicar, ou seja, o domínio da gramática é necessário, ela diz: “Cheguei direto no nível do pré-intermediário, mas inicialmente não tive boas notas por não ter muita noção de gramática.” Ela menciona que o atendimento aos clientes, neste caso, os falantes de inglês como língua materna, tem ajudado muito no seu desenvolvimento, sendo que a sua interação linguística e social é parte constituinte desse processo, e ela completa: “A escola e o emprego se complementam.”

Este exemplo ilustra também como as oportunidades de falar são socialmente estruturadas e as relações sociais e de poder estão implicadas no processo de interação social. “It may help students understand how opportunities to speak are socially structured and how they might create possibilities for social interaction with target language speakers.” (Peirce. 1995, p. 26). Como resultado, o indivíduo deve aprender a transformar as práticas sociais de marginalização.

Outro tema que surge com grande porcentagem de respostas é o de “conhecer culturas e viajar”. Todos os participantes, de uma forma direta ou não, disseram ter emigrado para conhecer e viver uma nova cultura e poder viajar com mais frequência. **VT** diz que o que o motivou aprender esta nova língua foram: *“A facilidade de se comunicar com várias pessoas e o contato com culturas diversas.”* É bem interessante e pertinente sua fala, pois mesmo estando em um país que fala a língua inglesa, ele tem contato com pessoas de diversos países. No entanto, a língua de comunicação entre um brasileiro e um espanhol ou italiano é o inglês. Portanto é claro o poder político e econômico da língua inglesa. Agora para **JP** aprender o inglês era uma passagem para o conhecimento e o mundo, ele diz: *“conhecimento e utilização em viagem.”* Ou seja, essa nova língua lhe possibilita ganhar o novo mundo tanto no conhecimento científico e acadêmico como a possibilidade literal de explorar novos lugares e estar confiante que o pode fazer pois consegue se comunicar.

As motivações

4- Figura



As motivações são os sentimentos e/ou razões que impulsionam os participantes para o desafio de aprender essa nova língua. O conceito de motivação atualmente adotado na literatura de aquisição da segunda língua compreende o aprendiz como tendo uma identidade unificada e coerente que organiza tipos e intensidades de motivação própria. Os dados apresentam motivações similares para a maioria dos participantes (conhecer novas culturas, qualidade de vida e melhores oportunidades), e sugerem que a motivação do aprendiz em falar é mediada pelos investimentos, tal como sugere Peirce: “An understanding of motivation should therefore be mediated by an understanding of learners’ investments´ in the target language – investments that are closely connected to the ongoing production of a language learner´s social identity”. (Peirce. 1995, p. 20).

É necessário repensar as noções de indivíduo na teoria de aquisição da segunda língua (SLA) para entender o conceito de motivação, pois ele tem sido pensado com base na psicologia social, onde se tenta quantificar o comprometimento do aprendiz no processo de aquisição da nova língua. Os trabalhos de Gardner e Lambert (1972) e Gardner (1985) fazem uma contribuição significativa com as noções de motivação integrativa e instrumental para a

teoria de aquisição da segunda língua. A motivação instrumental aponta para o desejo de aprender de acordo com objetivos úteis, por exemplo: emprego, estudo. Enquanto a motivação integrativa mostra o desejo de aprender a língua para obter uma integração de sucesso na comunidade da segunda língua.

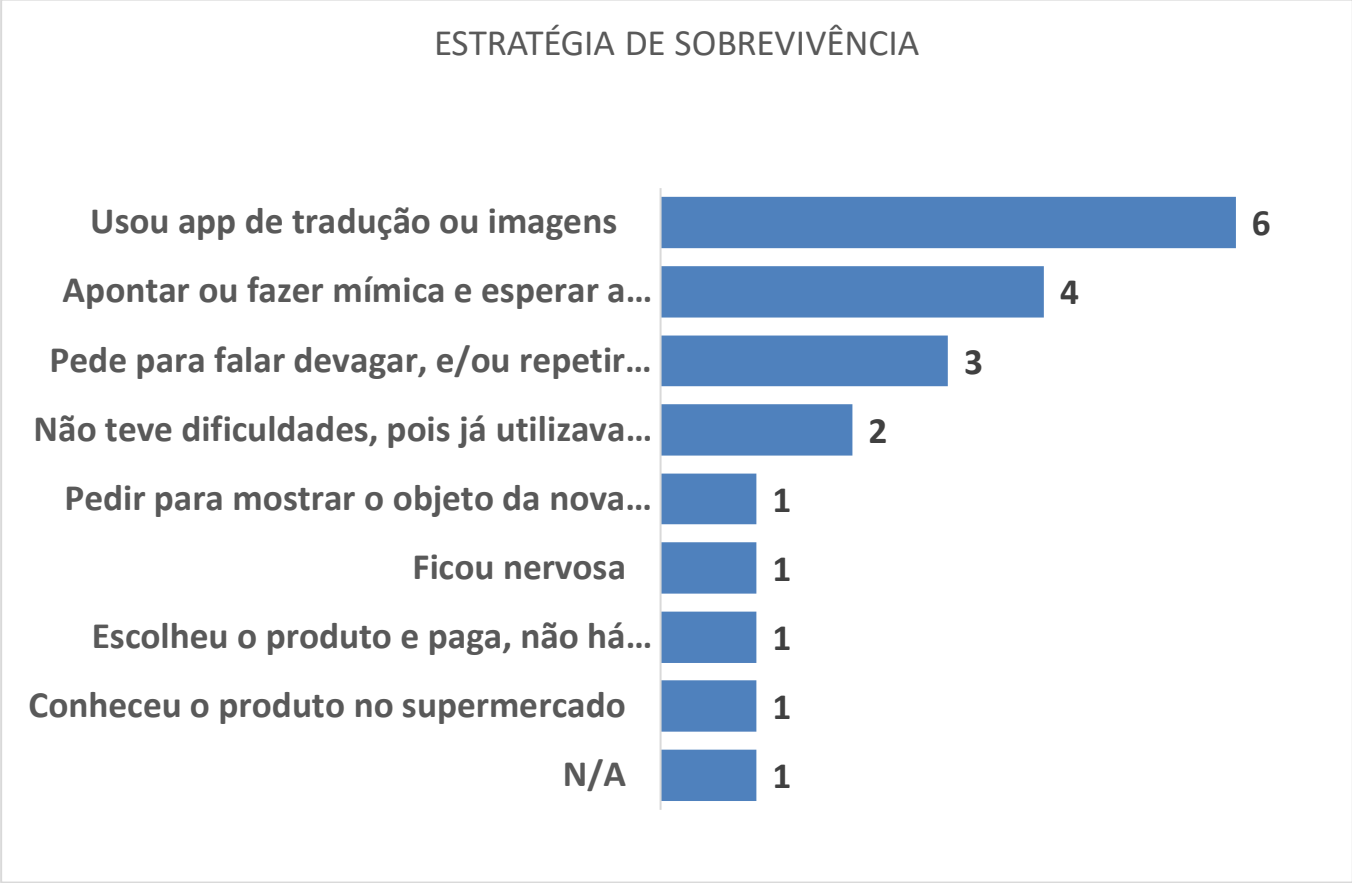
O que constato em todos os participantes é que não importam os motivos ou razões, mas sim o investimento que cada um tem para concretizar a aprendizagem da segunda língua. Ou seja, são vários os elementos e as etapas que devem ser considerados para atingir o objetivo de falar a língua inglesa. O investimento financeiro foi alto para a maioria dos participantes brasileiros: **BC**, **EF**, **KG** e **CG** disseram ter vendido tudo para mudarem de país, os outros passaram tempo guardando dinheiro para terem a possibilidade de realizar o sonho. Outros tipos de investimento devem ser tomados em consideração: tempo, dedicação, renúncia, estudo. Assim, os conceitos de motivação não mostram a relação complexa das relações de poder, identidade e aprendizado da língua que estão sendo investigados aqui nesta pesquisa.

> ... learners invest in a second language, they do so with the understanding that they will acquire a wider range of symbolic and material resources, which will in turn increase the value of their cultural capital. Learners will expect or hope to have a good return on that investment. (Peirce. 1995, p. 17).

É importante notar que a noção de investimento a que refiro não é equivalente a motivação instrumental. O conceito da motivação instrumental, geralmente, pressupõe um aprendiz único, fixo e histórico que deseja ter acesso aos recursos materiais que são privilégios dos falantes de língua materna. Portanto, nesta visão, a motivação é uma propriedade do aprendiz. Já a noção de investimento tenta capturar o relacionamento do aprendiz com o mundo social, compreende o aprendiz como tendo uma identidade social complexa e desejos variados. Esta noção pressupõe que quando o aprendiz fala, ele não está somente trocando informação com o falante de língua materna, mas ele está, constantemente, organizando e reorganizando o sentido de quem ele é e como ele se relaciona com o mundo social. Portanto, o investimento na segunda língua é também um investimento na identidade social do aprendente, e esta identidade está em constante mudança no tempo e no espaço.

Estratégia de Sobrevivência: os participantes falam quais foram suas estratégias no caminho para aprendizagem.

5- Figura



Quando o indivíduo chega na nova comunidade, o primeiro passo é a busca da integração à nova cultura através das suas competências comunicativas mediada pela língua.

> "Research in language socialization generally recognizes that language and literacy learning involve explicit or implicit socialization through linguistic and social interaction into relevant local communicative practices or ways of using language and into a membership in particular cultures or communities, with their own values, ideologies, and activities." (Duff. 2007, p. 311).

Apesar da comunicação e a interação social estarem relacionadas com a construção da identidade social do aprendente, é importante entender que a nova língua tem regras e a quem elas servem. É necessário considerar as relações de poder entre os locutores.

KG diz que não consegue falar, mas quando vai ao supermercado e lojas, se comunica. Ela não usa a estrutura de uma frase completa, mas consegue interagir nesse novo espaço. *"Quando cheguei, não entendia nada, mas agora, consigo entender a minha*

professora e os meus colegas. O entendimento ainda não é 100%, mas tenho a noção do assunto e escutando o que as pessoas falam. Quando escuto uma palavra que não sei o significado, vou ao Google tradutor e pesquiso." Uma das coisas que **KG** diz fazer é leitura labial e tenta usar o vocabulário que sabe, ou seja, palavras mais simples, eu presenciei sua interação, ela usa muito gestos para se fazer entender.

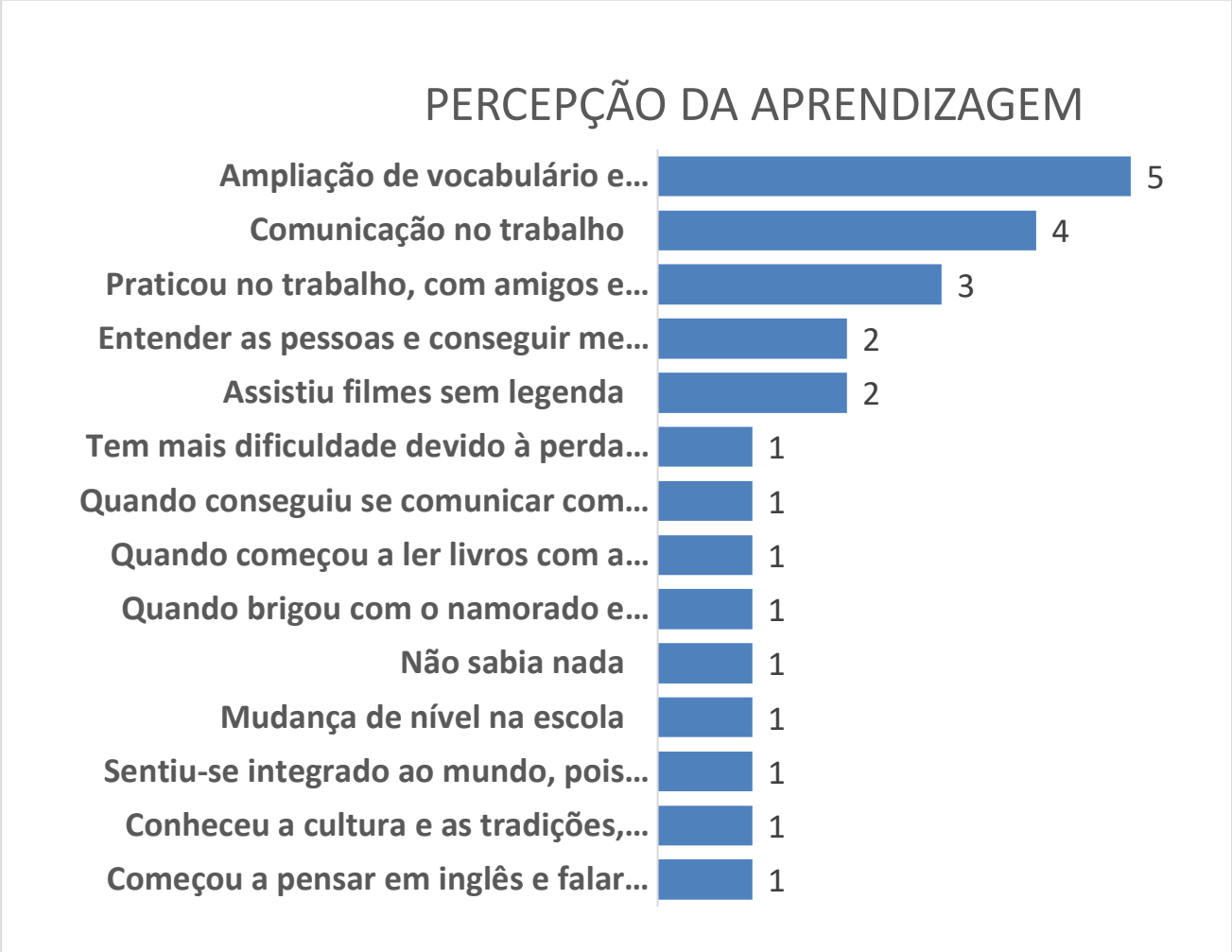
"Acho estranho, mas estou aprendendo a falar sem ter uma dedicação muito forte para isto." O fato de estar inserida num contexto social-cultural onde a língua oficial é o inglês está fazendo toda a diferença na aprendizagem de **KG**, mesmo não se dedicando ou estudando, suas práticas sociais são fatores determinantes nesse processo de aprendizagem. *"Tenho apenas 9 meses nesta cidade e ainda não falo bem, vou encaixando as palavras que conheço sem conseguir formar uma frase e as pessoas conseguem entender a minha necessidade. Sou melhor escutando do que falando. Pensei que iria pirar nesta cidade, mas hoje estou mais tranquila e consigo entender melhor as coisas. Muitas das vezes, eu não consigo traduzir, mas consigo entender o contexto do assunto."*

Segundo Kramsch, ao interagir no seu ambiente natural, o/a aprendente processa a informação recebida da realidade, não por um processo simplista, mas negociando a significação necessária para o sucesso da comunicação nos contextos sociais. Esta negociação é de grande importância para a aprendizagem da língua como um processo em que "... inputs and outputs are negotiable, not contextual meaning." (Kramsch. 2002, p. 2). A definição de competência deve incluir a consciência do direito de falar.

> ... theories of communicative competence in the field of second language learning should extend beyond and understanding of the appropriate rules of use in a particular society, to include an understanding of the way rules of use are socially and historically constructed to support the interests of a dominant group within a given society. (Peirce. 1995, p. 18).

Percepção da Aprendizagem e Auto Percepção da sua Identidade de Falante: a maioria afirma a evolução da sua própria aprendizagem, mas poucos consideram-se bons falantes da língua inglesa, não reconhecem a identidade de falantes da língua.

6 – Figura



É através da língua que um indivíduo negocia o sentido do 'Eu' dentro e através de diferentes lugares e tempo, a pessoa ganha ou perde acesso a poderosa rede social que dá ao aprendiz a oportunidade de falar. Segundo Peirce (1993), a língua não é concebida como um meio neutro de comunicação, mas é entendida como referência ao seu significado social. O significado é construído a partir da relação do indivíduo com o mundo, através da percepção da ação e da sua compreensão de uma língua que é parte constitutiva desse processo. E o nosso corpo possibilita o contexto ideal para a aquisição e conhecimento, ele nos permite entender e comunicar com o mundo através dos nossos sentidos, percepções, emoções e o mundo como ele é percebido por nós e os outros.

Mas nem sempre a percepção é o retrato da realidade: muitos dos participantes eram relutantes em constatar em si a aprendizagem da língua pelo simples fato de não estarem matriculados ou regularmente estudando a estrutura da língua inglesa. O que mostro no gráfico acima são situações onde o participante narra uma situação de uso e não considera como aprendizagem pois estas são situações informais e práticas comunicativas em outros

domínios sociolinguísticos que não a escola, mas que comprovam o uso, o desenvolvimento e o sucesso de cada participante.

A participante AK percebeu sua evolução na língua a partir do momento em que ouviu um anúncio e entendeu, mas por um instante não percebeu que era em inglês, ela diz: *"Para mim, a maior comprovação de que houve um grande avanço, se deu quando passei a não notar diferenças entre anúncios em inglês e português, ou seja, enquanto ouvia rádio ou anúncios na internet, não percebia que estava ouvindo inglês, e não português."* Sua percepção de saber bem a língua era de conseguir entender o que está sendo falado a sua volta sem precisar ter a atenção voltada para o que está ouvindo. Ela diz que passou a ouvir ao rádio e dedicou-se para reproduzir as palavras e assim conseguiu perceber melhor o que estava sendo falado. *"...ouvir emissoras de rádio irlandesas foi de imprescindível ajuda para mim, principalmente no que tange a pronúncia das palavras - passei a reconhecer um maior vocabulário após a prática dessa atividade."*

7 – Figura

"Subjectivity is the conscious and unconscious thoughts and emotions of the individual, her sense of herself and her ways of understanding her relation to the world." (Weedon. 1987, p. 32). Em relação a auto percepção de falante da língua inglesa somente a minoria tem a autoimagem de um bom falante, o restante considera-se regular e diz precisar de mais prática, vocabulário e melhor pronúncia, ou seja, consegue comunicar-se, como eles dizem: "*consigo me virar*".

O conceito de identidade social como sujeito ajuda a explicar como o indivíduo responde e cria oportunidades de praticar a língua alvo. Quando um indivíduo se propõe a aprender uma nova língua, ele constrói uma identidade multicultural, mas demora um tempo para ele ter essa consciência do direito de falar. E depois de algum tempo, o indivíduo desenvolve a competência comunicativa e acrescenta a consciência de como desafiar e transformar as práticas sociais de marginalização que todo imigrante está exposto.

O aprendente da língua tem história e está inserido numa comunidade em um determinado tempo/espaço, ele tem uma identidade social complexa e, às vezes, contraditória que muda através do tempo e espaço. A motivação não é um traço de personalidade fixa, mas deve ser entendido com referência às relações sociais de poder que criam possibilidades para o aprendiz falar. É o investimento do aprendiz na língua alvo que o levará a falar. "This investment, in turn, must be understood in relation to the multiple, changing, and contradictory identities of language learners." (Peirce. 1995, p. 26).

SG conta seu caminho de evolução no aprendizado da língua. *"Eu tive a oportunidade de trabalhar como housekeeper num hotel 4 estrelas. Quando entrei mal compreendia o que a supervisora falava, e às vezes, era tão rápido que ficava sem entender muita coisa. Aos poucos o contexto foi ajudando e no fim já conversava normalmente, argumentava. O fato de você aceitar vários tipos de emprego ajuda a ficar mais exposto à língua e ampliar o vocabulário. Hoje penso que a escola é ótima pra dar uma base, mas se você não aliar isso à alguma atividade extraclasse seu inglês vai demorar progredir, porque o professor fala de maneira mais pausada, tenta se fazer entender, e assim se dá com os colegas de classe. você acaba se acostumando com a maneira deles falarem. Mas no dia a dia do trabalho, você precisa se esforçar para compreender o outro, isso deixar você mais atento e naturalmente tornar a sua evolução mais rápida."*

A interação nas práticas sociais do seu trabalho a ajudaram nesse processo de auto percepção da aprendizagem, e isso reflete a construção de um novo posicionamento identitário, colocando-se à disposição de qualquer trabalho para aprender. É o posicionamento do emigrante de aceitar tudo pela sobrevivência. O que revela também a relação de poder entre o emigrante e o falante da língua dominante: para sobreviver, o emigrante precisa se adaptar e sujeitar ao trabalho que lhe aparecer, pois esta é a oportunidade que tem para aprender, sobreviver e ser aceito (integrado) na nova comunidade.

A relação entre o aprendente e o mundo é, assim, percebida através de uma concepção pós-moderna de identidade social e de subjetividade permeada pelas relações de poder predominantes entre os indivíduos, grupos e comunidades, que afetam as suas chances de vida em um determinado tempo e lugar (Weedon, 1987). "Language is the place

where actual and possible forms of social organization and their likely social and political consequences are defined and contested. Yet it is also the place where our sense of ourselves, our subjectivity, is constructed." (Weedon. 1987, p. 21).

O conceito de identidade social como um lugar de conflito é uma extensão da posição que a identidade social é múltipla e contraditória. A subjetividade é produzida em vários espaços sociais, e estruturada por relações de poder que os indivíduos assumem em suas diversas posições de sujeito, por exemplo: professor, mãe, gerente, médico, crítico, etc. Um único indivíduo pode assumir várias posições de sujeito, e elas podem se completarem, confirmarem ou contradizerem. Assim sendo, a identidade de *falante* não é construída de forma passiva, mas está sujeita as relações de poder dentro de um espaço, comunidade e sociedade. As posições de 'sujeito' que uma pessoa pode ter dentro de um discurso sempre estarão abertas para a argumentação; pois embora o indivíduo assuma uma posição em um determinado discurso, ele pode resistir ou estabelecer um contra discurso. Diante desse cenário, constato que a subjetividade é múltipla, contraditória e um lugar de conflito e que isto afeta a forma como podemos ver um falante de línguas. De acordo com Weedon (1987), "the political significance of decentering the subject and abandoning the belief in essential subjectivity is that it opens up subjectivity to change" (p.33).

Caminhos da Aprendizagem

Os caminhos que a aprendizagem percorre em contexto informal podem ser surpreendentes, apresento neste momento minhas impressões resultantes de uma análise mais detalhada que cruza as narrativas biográficas dos participantes com a análise dos questionários. No geral, as pessoas quando interagem criam significados e usam a linguagem para construir os contextos a sua volta. Em cada momento, através das práticas socioculturais os indivíduos estão construindo de forma ativa suas identidades sociais. A pessoa acessa e processa o que para si é novo antes de significar; e o reconhecimento do já conhecido conduz à negociação, ou seja, encontrar um novo posicionamento do 'eu' diante desse novo cenário. A isto denomino de caminhos da aprendizagem, que mais não são que caminhos de identidade.

Portanto o posicionamento é a construção de uma nova identidade, e neste estudo a atenção está voltada ao processo de aprendizagem em contexto informal evidenciado nas histórias de vida dos participantes que acompanhei e observei. A relação entre o 'eu' e o mundo constitui-se através da concepção de identidade social e subjetividade que acontece através da linguagem nos espaços de interação. Segundo a visão pós-estruturalista, a

subjetividade tem uma natureza múltipla, um indivíduo diverso, dinâmico e contraditório. Diante dessa complexidade, a minha pesquisa inclui aspectos além da linguagem: o contexto, o tempo e espaço, o conhecimento prévio e o indivíduo.

Temas emergentes

Na primeira etapa desta pesquisa, os resultados da aplicação do questionário apontaram para o surgimento de temas comuns que nos dão pistas para o processo de aprendizagem da língua inglesa. A análise dos temas foi feita à luz das práticas socioculturais do indivíduo e da construção da sua identidade nesse processo. De todos os temas levantados, considero muito importante a motivação, pois é ela que leva o aprendente ao caminho da aprendizagem. Mas essa motivação seria em vão se não fosse realizada, e para isso é necessário investir, ou seja, ter ações práticas em relação a esse sentimento, desejo, vontade. Portanto, durante minhas descobertas, e aproximando-me da ideia de investimento defendida por Boanny Norton, ou seja, "... a conception of investment rather than motivation to capture the complex relationship of language learners to the target language and their sometimes-ambivalent desire to speak it." (Peirce. 1995, p. 9). Portanto, o desejo – sentimento que motiva o aprendente, transforma-se em ação a partir do momento que acontece o investimento, o qual pode ser: de dinheiro, de tempo, de intelecto, de dedicação, etc.

A Motivação

Segundo o dicionário Michaelis, "motivação é uma série de fatores, de natureza afetiva, intelectual ou fisiológica, que atuam no indivíduo, determinando-lhe o comportamento." Tal como já referido, todos os participantes da minha pesquisa apresentaram, de forma clara, as razões que os levaram à aprendizagem da língua inglesa sendo as mesmas conscientemente expostas nas respostas ao questionário. Numa análise mais aprofundada dos relatos, a minha atenção voltou-se para a forma como a motivação estava ligada ao seu processo de construção identitária – lugar de conflito e, por fim, a sua mudança – como falante da língua inglesa. As relações de poder predominantes entre os indivíduos, grupos e comunidades afetam suas chances de vida em um determinado tempo e lugar. "... power relations play a crucial role in social interactions between language learners and target language speakers." (Peirce,1995 – P:12). Ou seja, o poder das relações interfere na natureza da aprendizagem. Estas relações de poder materializaram-se em alguns dos excertos das narrativas, tal como o conflito que produz a negociação e leva a um posicionamento social e a construção de um novo 'eu'.

As razões que motivaram e levaram os participantes a investir na aprendizagem da língua inglesa aparecem nessa fração do relato de suas trajetórias de vida. Para LM, sua motivação veio do desencorajamento das pessoas à sua volta. Ele ouviu que não conseguiria alcançar seus sonhos por ser pobre, negro e favelado, ou seja, *"atravessar o oceano era só para ricos".* Essa foi sua grande motivação – sair do seu país, aprender uma nova língua, conhecer várias culturas e poder ter uma vida de qualidade. Ou seja, as relações de poder do seu grupo refletiam de forma negativa e determinante de um futuro que LM sempre quis mudar.

Portanto diante desse desafio de conquistar o seu espaço e ganhar o mundo, ele muda-se para Dublin para realizar o tão sonhado intercâmbio. E também altera o nome do seu perfil no *Instagram* para '*Pobre na Irlanda*' e começa a compartilhar o seu dia a dia e isso resulta num exponencial crescimento de seus seguidores. Outra motivação mencionada por ele são seus relacionamentos com colegas do trabalho, da escola, amigos e amorosos. A maioria dos seus relacionamentos foram viabilizados virtualmente, ou seja, conheceu muitas pessoas através da rede social *Instagram*. E usa essa ferramenta para compartilhar sua experiência, seu dia a dia, conhecer pessoas. O compartilhamento da sua rotina vivendo no estrangeiro torna-se muito popular nas redes sociais. Ele diz: *"As amizades que faço e os dates que tenho"*. Nessa frase o uso da palavra 'date' é uma marca da construção da sua nova identidade como falante da língua inglesa, e vai além dos relacionamentos, sua popularidade valida seu sucesso, ou seja, ele venceu na vida.

Já para a participante BM, aprender esse novo idioma está relacionado com o seu desejo por aventuras e conhecer novos lugares no mundo – "*a maioria vem pra cá aprender o inglês por causa do trabalho, melhorar, conseguir um bom emprego, mas o meu principal objetivo foi mesmo aprender para poder viajar*." A sua percepção dessa nova língua é consciente e intencional, sua busca pela aprendizagem de inglês é prática e com objetivo claro de ser capaz de comunicar-se em suas aventuras. Ou seja, aprender essa nova língua traz uma ideia de liberdade, aventura e conquistas – lhe dá o poder de ir e vir. Ela veio com a meta definida e traçou o seu caminho de aprendizagem e sucesso do seu ponto de vista. Após um período de seis meses estudando, ela conseguiu um emprego de '*Au Pair'* [3]em uma casa de família irlandesa, o que foi vital para evolução e desenvolvimento na comunicação. Logo depois, colocou em prática o seu sonho: começou a viajar e conhecer outras culturas e sotaques de pessoas de outros países – que não tinham o inglês como língua nativa. Essa experiência contribuiu, e muito, para o seu desenvolvimento.

[3] Trabalhar como Au Pair é uma prática muito comum das estudantes brasileiras que emigram para a Irlanda.

Para EF as razões estão relacionadas com a segurança de seus filhos e bem-estar de sua família. Ela é do Rio de Janeiro e sempre viveu lá, depois que casou e teve dois filhos, ela preocupou-se com a questão da violência, e isso motivou sua mudança de país. "*Queria criar os meus filhos num lugar mais seguro*." O principal motivo da mudança revela um dos temas emergentes previamente ressaltado em outros participantes. Vemos que a segurança é um fator crucial para a decisão da mudança de país e, o mesmo, está ligado a outros dois temas anteriormente abordados: Parentalidade e qualidade de vida. Ela optou pela Europa por ser menos burocrática com a documentação, só precisava ter um documento europeu, que é o seu caso. Os dois países de língua inglesa na Europa são: Reino Unido e Irlanda, mas ela nem considerou a Inglaterra devido ao BREXIT "... *como tenho nacionalidade portuguesa não preciso de visto para morar na Irlanda*."

Baseada nos excertos das histórias dos três participantes constato que os motivos são essenciais para iniciar o processo de aprendizagem da segunda língua, pois é a razão/motivo que resultará na ação de investir o seu tempo, dinheiro e dedicação ao estudo. Na minha pesquisa, todos os participantes estão nesse processo em contexto de imersão, isto significa um processo mais complexo e com mais aspectos, além da linguagem, para serem considerados neste caminho.

O Investimento

O investimento é a ação resultante de um sentimento instigado por um motivo. E esses motivos, que levam o indivíduo à aprendizagem da segunda língua, podem ser variados como visto anteriormente; sem investimento, porém, não há a concretização desse desejo, dessa vontade. A noção de investimento captura o relacionamento do aprendiz com o mundo social, compreende o aprendiz como tendo uma identidade social complexa e desejos variados. Por isso, o indivíduo interage nesse novo mundo com o objetivo de ser compreendido, e logo aceito, sendo assim, ele investe com a expectativa de um retorno. "... learners invest in a second language with the understanding that they will acquire a wider range of symbolic and material resources." (Peirce. 1995, p. 17). E esse retorno está associado ao esforço investido nessa nova língua, no caso dos meus participantes o investimento é alto – a mudança de país – portanto a expectativa de um grande retorno é esperada.

Considerando esse aspecto, afirmo que todos os participantes da minha pesquisa fizeram um grande investimento, pois todos motivados por um desejo, chegaram à decisão de emigrar para Irlanda. A mudança de país não foi uma tarefa simples, alguns dos participantes são cidadãos europeus, portanto foi um processo menos burocrático e mais

barato. Já a situação de LM – brasileiro, classe média baixa, e necessitando de visto – foi diferente.

LM relata como precisou trabalhar muito fazendo horas extras para guardar dinheiro até conseguir pagar pela sua viagem, visto e escola. Mas LM tinha certeza que o seu investimento teria o retorno que desejava. Ao acompanhá-lo pelo *Instagram* e entrevistá-lo, pude assistir ao desenvolvimento do seu processo de aprendizagem. Segundo Spolsky (1989), "extensive exposure to the target language, in relevant kinds and amounts, and the opportunity to practice the target language are essential for second language learning: Learning cannot proceed without exposure and practice." (Apud: Peirce. 1995, p. 14).

BM teve uma história similar, brasileira de classe média, e precisava de visto naquela altura. Sua primeira opção era a Austrália devido ao clima, que é bem similar ao do Brasil, mas a Irlanda foi mais acessível financeiramente; "gostaria de ter ido para a Austrália, mas a Irlanda era cinco vezes mais barata." A questão econômica é importante, a escolha do país para emigrar é feita de acordo com este critério, pois ela conseguiria pagar e poderia trabalhar para recuperar o que investiu. Quando chegou, o seu conhecimento de inglês era muito básico e para ter mais chances de se comunicar em inglês o tempo todo escolheu Cork ao invés de Dublin. Esta decisão foi por causa da grande comunidade brasileira em Dublin o que não iria lhe ajudar na questão principal – comunicar-se somente em inglês. BM tem descendência portuguesa, e logo fez sua documentação para permanecer no país, pois como estudante só teria o direito de ficar por dois anos.

A participante EF fez pesquisa sobre os países Austrália e Canadá, mas decidiu-se pela Europa. Ela planejou com um ano de antecedência para sua mudança pois veio com o marido e dois filhos, sua situação foi mais complexa, pois sua decisão foi um grande investimento teve imenso impacto na vida e rotina da sua família. Enquanto ainda estava no Brasil, seus filhos estudaram em uma escola bilíngue para iniciar a aprendizagem. Ela e o marido vieram para Irlanda conhecer e escolher a melhor cidade para a sua família. "Mas para realmente mudar precisava de uma reserva monetária, então vendi a casa." Ao regressarem dessa viagem para conhecer a Irlanda, venderam a casa e meses depois mudaram-se definitivamente. O que percebo na sua história é o investimento na segunda língua citado por Kramsch, que nesse caso apresenta formas diferentes de investimento: tempo, dinheiro, dedicação e disposição para começar de novo.

O aprendente da língua tem história e identidade social complexas, às vezes, contraditórias, que muda através do tempo e espaço, tal como acontece com BM, que opta – ou seja, investe conscientemente - por fazer a sua documentação de cidadão europeu. "This investment, in turn, must be understood in relation to the multiple, changing, and contradictory

identities of language learners." (Peirce. 1995, p. 26). É o investimento do aprendiz na língua alvo que o levará a falar. E nessa interação com o novo ambiente, o indivíduo está constantemente organizando e reorganizando a sua percepção de si e como relacionar-se com este grupo social. "An investment in the target language is also an investment in a learner's own social identity, an identity which is constantly changing across time and space." (Peirce. 1995, p. 18). Ou seja, o seu investimento irá refletir na sua vida social, usa interação com o mundo a sua volta, e por consequência, na construção da sua identidade social.

Voz e Posicionamento

Voz e posicionamento estão relacionados com os lugares onde o indivíduo exerce nas suas práticas linguísticas nos espaços sociais, e onde ocupa papéis sociais como amigo, filho, estudante, empregado, etc. Os aprendentes de segunda língua negoceiam suas identidades ao participar nestas práticas socioculturais. Em contexto de imersão, a comunicação pode parecer um vácuo social no qual novos papeis e posições são negociados e levam a construção de um novo 'eu'. "... language learners need to be studied as negotiators in the relations of power that are stablished when entering into contact with the L2." (Solé. 2007, p. 203). Ou seja, nas suas interações, os aprendentes negoceiam e buscam validação na comunidade da língua alvo, um reconhecimento da sua voz – direito de falar e encontrar o seu espaço nesse novo mundo – assim construindo novos posicionamentos do 'eu'.

Ao aprender a segunda língua surgem novas nuances na construção de identidades por si só já múltiplas. Para perceber esse processo é necessário considerar origens, experiências, histórias, valores e subjetividades de falantes. E diante de uma identidade múltipla em um novo cenário, o processo de aprendizagem consiste na habilidade desse aprendente compreender as ligações estabelecidas com a comunidade alvo. Portanto não se aprendem apenas habilidades linguísticas, mas desenvolve-se a sensação de pertencimento a comunidade discursivas, assim adotando um novo posicionamento pelo qual se verá e agirá no mundo.

Essa questão da voz e posicionamento é explicitada claramente nas falas, ações e interação dos participantes. LM disse: "*Negro, favelado, gay: sentiu o impacto? Agora temos voz, temos visibilidade e sim iremos conquistar tudo que queremos e sonhamos*." Esta foi uma frase retirada do seu *Instagram*. Percebo nela um sentimento de 'justiça feita', é um resumo da sua história, ou seja, um indivíduo pobre, negro e da favela que não tinha perspectivas de futuro, mas mesmo assim arriscou-se, e agora, provando o contrário, pois ao emigrar e sair do seu país, ele pode ter as mesmas oportunidades que qualquer um teria. Portanto, este

indivíduo híbrido e complexo percebe sua voz ganhando espaço nesse novo mundo e lhe dando o direito de falar. Segundo Bonny Norton: "... how opportunities to speak are socially structured and how they might create possibilities for social interaction with target language speakers." (Peirce. 1995, p. 26). LM encontra essas oportunidades para expressar-se e é aceito como parte dessa comunidade.

A participante BM tem outra história, pois ela tinha uma carreira no Brasil trabalhando com tecnologia. Apesar disso, BM tinha o desejo de conhecer o mundo e ter novas aventuras, e para isso, precisava iniciar a primeira aventura – aprender uma nova língua. "*Passei vários perrengues, mas no dia a dia vai aprendendo, tem que se jogar, e fui para a escola e lá conheci pessoas e comecei a participar de uma festa aqui, um almoço ali*." Ao logo da sua jornada, ela foi construindo a sua identidade de falante, mas para isso, foi preciso: ação, posicionamento e fala. As suas práticas sociolinguísticas a ajudaram nesse processo de aprendizagem. Após 6 meses de curso, ela conseguiu um emprego de '*Au Pair'* [4]em uma casa de família irlandesa, esse foi um fator importante na evolução da sua comunicação em inglês.

A maioria das estudantes brasileiras sempre buscam este trabalho de '*Au Pair*' – cuidar de crianças e tarefas do dia a dia da casa, pois é uma forma de conseguir acomodação combinado com a exposição total a essa nova língua e cultura. Ela só percebeu que tinha voz quando ao se posicionar como falante de língua inglesa nas suas viagens, pode se comunicar, conhecendo outras culturas e sotaques. Nesse seu caminho de aventura, BM conheceu o seu parceiro – que é checo, casaram-se e eles tiveram um filho. Portanto, suas perspectivas mudaram, construindo uma identidade mais complexa que é mãe, esposa e profissional. Por isso, ela buscou outras oportunidades de trabalho e o reconhecimento como pertencente dessa nova comunidade. A sua ideia sobre a língua inglesa é de liberdade, aventura e conquistas de acordo com a sua narrativa. "*Quando vou começar a falar em inglês sem pensar na tradução? Hoje já é automático*."

Para EF, a questão da voz e posicionamento está relacionada ao seu processo de adaptação quando chegou. O sotaque era bem diferente, e a sensação era de estar aprendendo novamente. *"...tive um pouco de dificuldade para adaptar ao sotaque irlandês e também porque já fazia muito tempo que não usava a língua, estava com o inglês enferrujado."* Mas precisava arrumar trabalho logo para obter o visto para o seu marido, começou a estudar em uma escola e dentro de um mês conseguiu uma vaga de recepcionista em um hotel, o que proporcionou um grande desenvolvimento. O sentimento materno a motivou e impulsionou a ação e interação, principalmente no que diz respeito aos filhos, pois tinha que falar e

[4] Trabalhar como Au Pair é uma prática muito comum das estudantes brasileiras que emigram para a Irlanda.

conquistar o seu espaço nessa nova comunidade. "*Sinto-me adaptada, mas não 100% porque nunca perdemos os nossos hábitos e raízes que trazemos*." Mesmo tendo se adaptado a essa nova vida, ela afirma que não faz parte dessa cultura e que nunca irá fazer mesmo que morar aqui por 30 anos. Ou seja, ela construiu uma nova identidade para ser aceita na nova comunidade, mas não perdeu sua bagagem, suas outras faces, sua multiplicidade. Percebo a construção do 'eu' falante de inglês, que se adapta, negocia e se posiciona em um papel dentro dessa nova comunidade.

O Conhecimento Prévio

O conhecimento prévio está ligado aos saberes e informações guardadas na memória e que são acionadas quando necessário. Esse é um aspecto muito importante para a aprendizagem da segunda língua, pois o aprendente utiliza esse conhecimento enquanto caminha na aprendizagem, pois tem todas as condições em si que o levam ao conhecimento e à comunicação com o mundo. Dado que a língua faz a ponte da participação do indivíduo com o mundo físico e social, a interação é permeada por emoções, sentidos, percepções, onde o significado vai sendo construído e o mundo sendo revelado sob nossa visão. O sujeito quando fala traz experiências e emoções passadas, assim como todas as informações e saberes relacionadas ao que está a viver naquele exato tempo e espaço. Por isso, esse conhecimento é importante, pois é parte integrante de cada indivíduo e influencia a sua construção identitária.

O participante LM veio para Irlanda sem ter estudado anteriormente a língua inglesa, ou seja, não teve quase nenhuma base de conhecimento que pudesse ser acionada. Ele disse que sua base de conhecimento era das aulas de inglês da escola pública. A decisão de aprender o inglês em um país de língua inglesa foi porque ele achava que seria mais rápido, tendo encontrado algumas dificuldades no início por não entender ainda o que as pessoas falavam. Portanto, desde o início, LM estudou regularmente em escolas de línguas para estrangeiros. *"Foi um pouco difícil, pois não estava com meu celular e me perdi, e as ruas tudo igual e não tinha placa (risos)"*. Os relatos das suas experiências nos primeiros dias mostram também que era recorrente a pesquisa na internet, principalmente no que dizia respeito a detalhes do sistema da língua, a que não tinha tido acesso previamente. Agora em relação a sua interação nessa nova comunidade, LM recorre à sua experiência nesta dimensão digital. *"As amizades que faço e os dates que tenho"*. O conhecimento adquirido em sala auxiliou no seu dia a dia, mas o seu caminho à aprendizagem da língua inglesa está baseado nas suas práticas digitais, tendo construindo a sua identidade de falante da língua inglesa através destas interações.

Agora BM teve um caminho similar, pois quando ela veio tinha um conhecimento muito básico da língua inglesa. No início foi muito difícil pois não entendia os irlandeses; *"passei vários perrengues, mas no dia a dia vai aprendendo, tem que se jogar, e fui para a escola e lá conheci pessoas e comecei a participar de uma festa aqui, um almoço ali."* Ela diz que foi para a escola e estudou por 6 meses, mas o que destaca na sua fala é o fato de ter conhecido pessoas e participado de festas e almoços, ou seja, as práticas diárias foram a base para a realização do objetivo de se comunicar. *"É difícil entender o sotaque de irlandeses mais velhos ou de algumas regiões específicas, mas outra nacionalidade é mais fácil."* Ela afirma entender melhor falantes de inglês como língua estrangeira, por se identifica com estes falantes e não necessariamente os falantes locais.

EF teve duas experiências de intercâmbio e imersão na língua inglesa anteriormente, na primeira, ainda adolescente viveu por 6 meses na Nova Zelândia, poucos anos depois, fez o programa 'Work and Study' nos Estados Unidos da América. Portanto, quando resolveu emigrar para a Irlanda, ela possuía conhecimento da língua inglesa e vivência em outros dois países e suas culturas, ou seja, a experiência da imersão. Apesar do seu conhecimento encontrou dificuldades com o novo sotaque. *"...tive um pouco de dificuldade para adaptar ao sotaque irlandês e também porque já fazia muito tempo que não usava a língua, estava com o inglês enferrujado.*" Mas logo arrumou um emprego como recepcionista e precisou comunicar-se, portanto a cada dia tornava-se mais claro. Este trabalho era semelhante à sua experiência antes vivida com o programa *'Work and Study'*, o que ajudou na sua adaptação. "*O inglês foi melhorando pela necessidade em ter que falar no trabalho, mas depende do assunto fico meio enrolada, porque é um assunto diferente e você não tem aquele vocabulário*." Ou seja, é nas práticas sociolinguísticas que ela afirma ter aprimorado suas habilidades de comunicação na língua inglesa. Ela percebe em seu próprio repertório uma oportunidade e investe nele, tornando assim, o seu conhecimento um processo de aprendizagem informal.

Resolução de Problema

A resolução de problemas prende-se com os seguintes aspetos: observar a causa, perceber a situação e suas variáveis, considerar, e só assim, tomar uma decisão eficiente e transformadora. Nas minhas observações e descobertas apresento a busca do aprendente em resolver suas limitações diante de um obstáculo. Este é um processo de conflito e negociações, no qual o aprendente aciona seu repertório e experiência para participar na prática comunicativa, criando estratégias pessoais de aprendizagem.

A experiência de LM no processo de aprendizagem da língua inglesa é refletida na forma como consegue interagir nos seus relacionamentos. *"Assim, aprender, aprender a gente ainda está aprendendo. Porem o dia que eu fiquei radiante que eu realmente percebi que estava no caminho certo, foi quando tive uma pequena discussão com meu antigo chefe... Ele queria que eu trabalhasse mais tempo do que foi o combinado e aí o inglês saiu lá do fundo e fluiu."* O momento que consegue discutir é crucial no processo de aprendizagem do LM porque ele percebe que é capaz de assumir uma voz pública. Ou seja, perante um momento de tensão, LM é motivado a fazer justiça, a posicionar-se, identificando esse o momento na sua história pessoal em que se identificou como um falante de língua inglesa. Desta narrativa se depreende que LM fez corresponder à posição de sujeito 'falante de língua inglesa' o momento em que foi capaz de argumentar com outra pessoa e fazer valer a sua opinião. É o que Bonny Norton intitula de competência comunicativa e o direito de falar. "What is considered appropriate usage is not self-evident but must be understood with reference to relations of power between interlocutors." (Peirce. 1995, p. 18). O apropriado está relacionado com a relação de poder entre os interlocutores, ou seja, LM ao falar impulsionado pelo sentimento de justiça resiste e ultrapassa a subalternidade em que se encontrava.

BM após trabalhar por seis meses como '*Au Pair*' ganhou um pouco de confiança para se comunicar em inglês, mas mesmo assim ainda tinha dificuldades para compreender os irlandeses. "*Eu sempre pedia para repetir devagar, e eles sempre amigáveis repetiam e faziam gestos, e a gente conseguia se entender*." Por causa da dificuldade em entender alguns irlandeses, pedia para repetir, fazia gestos, na maioria das vezes resolvia, mas outras não, então ela observava a expressão facial se era feliz ou triste e reagia de acordo. A estratégia para resolver e superar este obstáculo para compreender os irlandeses com sotaque mais forte foi voltar sua atenção para outros elementos que ocorrem no momento dessa interação – os gestos e expressões. "*E se mesmo assim não entendesse, fingia que tinha entendido e ria se eles riam, ou fazia cara de triste se fizessem. Mas também, perguntava "what" em relação a uma palavra específica, eles explicavam e faziam gestos, sempre assim me virando né*." Perguntava sobre algumas palavras em específico e pedia para explicar de forma mais simples – gestos e expressões sempre foram aspectos que ajudavam na compreensão. Isso significa que a aprendizagem, pode com certeza, acontecer fora de um ambiente escolar.

EF também teve muitas dificuldades com o sotaque irlandês, mas desde que chegou em Cork nunca estudou em uma escola de língua. Sua experiência de aprendizagem foi baseada somente nas suas práticas comunicativas diárias. *"...tive um pouco de dificuldade para adaptar ao sotaque irlandês e também porque já fazia muito tempo que não usava a língua, estava com o inglês enferrujado."* Apesar das dificuldades, conseguiu um emprego de

recepcionista e essa experiência foi crucial para o seu desenvolvimento e adaptação a essa nova forma de falar. No seu último intercâmbio, ela trabalhou como recepcionista num Resort nos EUA que a ajudou quando começou no trabalho em Cork. Portanto, EF recorre ao seu repertório e consegue comunicar-se. *"O inglês foi melhorando pela necessidade em ter que falar no trabalho, mas depende do assunto fico meio enrolada, porque é um assunto diferente e você não tem aquele vocabulário."* Portanto, as práticas comunicativas no trabalho ajudaram-na no seu processo de aprendizagem, mas vai recorrendo a outros dispositivos em seu redor quando necessita resolver um problema: por exemplo, quando não sabe o vocabulário, pesquisa no tradutor para poder, em contextos médicos, por exemplo, falar em inglês sobre sintomas e outros aspetos de saúde.

Considerações:

Os caminhos da aprendizagem e construção identitária apresentados nos pontos anteriores correspondem a aquisição de conhecimento e mudanças de comportamento obtida pela experiência. Neste estudo, considerei os modos como o indivíduo percorre esses caminhos informais de aprendizagem da língua inglesa num contexto de imersão, em que, dando significado ao mundo em seu redor, esse significado se constrói a partir das suas relações, através da percepção da ação e daí para a compreensão de uma língua social que é parte constitutiva desse processo.

Nosso corpo possibilita o contexto ideal para a aquisição e conhecimento, ele nos permite entender e comunicar com o mundo através dos nossos sentimentos, percepções e emoções. Aprendentes de língua estrangeira não aprendem apenas, eles estão também constantemente comprometidos em julgar a relevância, validade, pertinência e utilidade do conhecimento. Estes atos de julgamento pessoal e do sentido o que é bom e bonito aparece com a subjetividade do aprendiz.

O sistema oscila internamente devido a todos os tipos de fatores externos, precisamente, porque eles estão abertos. Ao invés de ver a língua como uma base de regras de um sistema padronizado, que opera quase que independentemente dos seus ambientes sócio cultural e biológico. Scollon considera a língua como uma experiência única de uma pessoa, incluindo a habilidade de traduzir de uma língua para outra. (Apud Kramsch. 2020, p. 20) E estes sistemas carregam as experiências do passado já vivenciadas, levando assim a constituição de um falante subjetivo.

Cada um dos três participantes LM, BM e EF que acompanhei por mais tempo e observei com mais detalhes, reforça alguns dos temas emergentes da análise do questionário.

O que os seus motivos revelam de investimento na aprendizagem da língua inglesa; os seus posicionamentos/subjetividades; o uso do conhecimento previamente adquirido; e a resolução de problemas em busca do conhecimento. Esses aspectos descobertos e analisados apontam para dinâmicas e estratégias de aprendizagem da língua inglesa que ocorrem em espaços informais de interação. Nesses espaços, os participantes analisam, acionam seus repertórios, negoceiam e, por fim, se posicionam construindo assim suas identidades de falantes de língua inglesa. O processo é complexo, por isso se devem considerar as palavras de Bonny Norton:

> I argue that SLA theory needs to develop a conception of the language learner as having a complex social identity that must be understood with reference to larger, and frequently inequitable social structures which are reproduced in day-to day social interaction. (Peirce. 1995, p. 13).

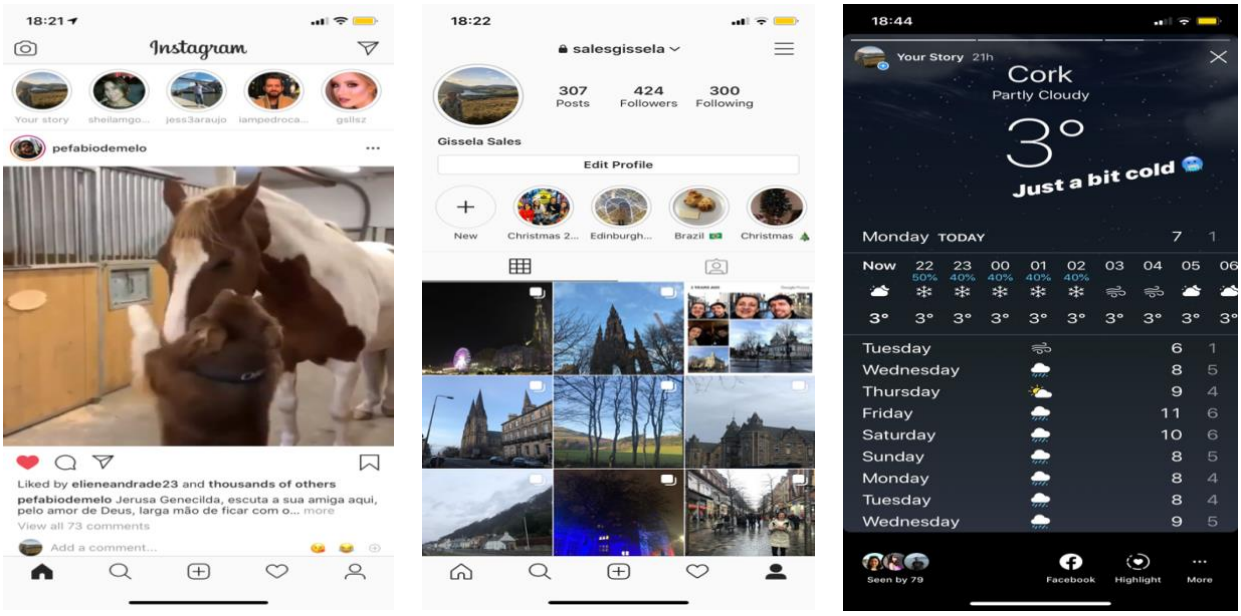
Na secção que se segue, ilustro algumas das dinâmicas acima apresentadas em textos produzidos no *Instagram* por um dos participantes do estudo, LM.

Análise Textual

Hoje em dia a maior parte das nossas atividades é mediada por tecnologias digitais. Podemos não ter consciência desse uso diário, mas tanto no trabalho como na vida social estamos sempre sendo mediados pelas tecnologias. "... all interaction – all indeed all human action – is some way mediated." (Jones & Hafner. 2012, p. 2). Essas formas de interação requerem novas habilidades, pensamentos e métodos de gerir os relacionamentos. Elas mudaram as relações de uma forma substancial, por exemplo, a distância foi relativizada, pois o outro está separado por apenas um 'clique'. "... people are not always very conscious of how these practices change not just the way they communicate but also who they can be and the kinds of relationships they can have with others." (Jones & Hafner. 2012, p.1).

Diante do uso crescente das redes sociais, a tecnologia digital parece estar afetando e modificando a forma de construção dos significados, as relações entre os indivíduos e os tipos de identidades construídos através dela e devido à ela, criando um sujeito mais híbrido e complexo. Percebi essa complexidade ao analisar alguns dos excertos do *Instagram* do participante LM. Ao longo da sua aprendizagem da língua inglesa, ele construiu diferentes posicionamentos, ou seja, identidades que se conflituam, coexistem se misturam, e se concretizam na sua interação linguística e sociocultural, aqui por intermédio e pelo meio do *Instagram*.

8 – Figura



O *Instagram* é uma rede social para compartilhar fotos ou vídeos. É um aplicativo que permite a adição de texto, emojis e efeitos, ou usar filtros ao tirar as fotos. Os vídeos podem ser produzidos ao vivo ou publicados em outro momento, e também têm a possibilidade de edição. O *Instagram* inclui vários tipos de produção textual e formas de armazenamento e disseminação desses textos: por exemplo, a sua estória e o '*feed*', sendo que o primeiro fica disponível somente por 24 horas e o segundo por tempo indeterminado. Mas o usuário tem a possibilidade de, em seu perfil, salvar na sua *Bio* (biografia, ou seja, o armazenamento pessoal que faz parte do perfil) as suas estórias que assim desejar. No perfil aparece o número de 'posts', seguidores. O usuário escolhe quem o segue e pode interagir com ele.

Nessa nova forma de interação as relações são recriadas, pois não se limitam a uma percepção de tempo e espaço convencional: esta ideia é relativizada e as pessoas podem ou não interagir simultaneamente. A lógica da imagem é espacial e simultânea, toda informação é exibida com diferentes elementos relacionadas num determinado espaço, levando a uma reação imediata. As imagens são capazes de enviar várias mensagens ao mesmo tempo, ou seja, é um texto multimodal que utiliza de cores, imagens, vídeo, símbolos e a linguagem. "Sometimes multimodal texts are organized around a dominant element in the centre that gives meaning to the other elements that surround it." (Jones & Hafner. 2012, p. 55).

Quando uma estória é compartilhada, os seguidores desse usuário poderão comentar dentro de 24 horas; já uma publicação no '*feed*' permite fazê-lo a qualquer momento. Portanto, essa plataforma de interação transforma a dinâmica das práticas linguísticas e comunicativas. O desenvolvimento da tecnologia e a criação da internet, e por consequência das redes sociais, revolucionaram os relacionamentos, ou seja, as formas como as pessoas interagem foram diretamente impactadas por essas mudanças. Há usuários com mais visibilidade e influência do que outros pelo simples fato de terem mais seguidores, ou seja, quanto mais visualizações, mais importante se tornará, e consequentemente, obterá poder. "Other than making possible different kinds of social arrangements for participants, media also have an effect on two very important aspects of relationships: power and distance." (Jones & Hafner. 2012, p. 7)

Durante a fase de coleta das repostas ao questionário, tive uma interação mais intensa com o participante LM, em grande parte, através do *Instagram*. E por consequência desta interação percebi que suas publicações refletiam alguns dos temas emergentes resultantes do questionário, dando sentido ao que proponho na minha pesquisa – uma análise sociocultural no processo de aprendizagem da língua inglesa. LM já era um usuário do *Instagram* desde o Brasil, mas só teve grande impacto ao se mudar para Irlanda, e dar o nome ao seu perfil de: '*pobrenairlanda'*, e começou a mostrar sua rotina diária.

Devido a isso, seu número de seguidores triplicou e ele se tornou um influenciador digital, fazendo assim um uso diário dessa nova ferramenta. Ao acompanhar suas postagens, percebi algumas marcas que evidenciavam a construção de múltiplas identidades através dessa mídia digital. O seu perfil traz provas materiais dessas práticas linguísticas desenvolvidas ao longo do seu processo de aprendizagem da língua inglesa. Escolhi as imagens de acordo com as questões levantadas na minha pesquisa, ou seja, a forma como as práticas linguísticas e socioculturais do LM influenciaram a sua identidade como aprendente da língua inglesa. Algumas das suas estórias foram publicadas nesse período de observação mais intensa e detalhada.

As duas imagens que seguem foram escolhidas devido ao vocabulário híbrido contido nelas: *dar um play*, *mano do sky*, *aska pra mim* e *talkey*.

9 – Figura

Primeiro, volto à atenção aos elementos básicos das publicações do *Instagram*, ou seja: o nome do perfil e foto do lado esquerdo acima, o ‘X’ que oferece a possibilidade de fechar esta janela, se o interlocutor assim o desejar; do lado esquerdo em baixo a inscrição ‘enviar mensagem’ abre a possibilidade de interação, ou de resposta ao que foi publicado; do lado direito em baixo surge um ícone que permite o compartilhamento dessa estória, e uma marca de três pontinhos em baixo do lado direito, cuja função é a de reportar a estória em caso de alguma infração.

Segundo, constato na sua construção o uso de vocábulos em inglês, português e a mistura dessas duas línguas, ao que Ofélia Garcia e Li Wei (2014) chamam de ‘translanguaging’. *Translanguaging* é a habilidade multilíngue do falante de usar estratégia comunicativas por entre as línguas, tratando seu repertório como um só sistema integrado. Em determinadas situações, o usuário não fará distinção entre as duas línguas, mas recorrerá àqueles recursos mais imediatos que tem à sua disposição. O *Instagram* é um espaço de *translanguaging* onde as normas linguísticas são percebidas diferentemente, e em que a transgressão linguística é a prática normal e apropriada.

Nessa primeira expressão: *fui dar um play*, sua escolha em usar o vocábulo 'play' é significativa para o seu grupo. De acordo com minhas observações, o uso do 'play' torna-se comum quando o usuário quer referir-se iniciar, começar, como por exemplo: dar um 'play' no 'rolê', na noite, na viagem, etc. Ou seja, ele usou o significado desse vocábulo e aplicou em um outro contexto nada comum, criando uma expressão usada no meio da comunidade brasileira na Irlanda. Esta é uma geração que interage através das mídias digitais influenciados pela tecnologia, portanto é compreensível essa relação e criação de novas expressões que estão relacionadas com esse contexto.

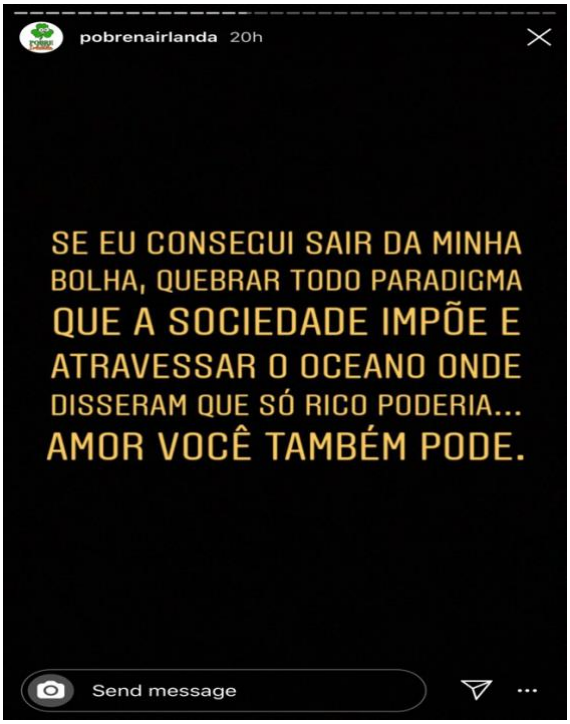
Já a expressão 'mano do 'sky'' é uma expressão de raiz brasileira: 'mano do céu' – que significa perplexidade, ou espanto. Depois da sua mudança para a Irlanda, LM adaptou essa expressão tão comum e usada pelos brasileiros, traduzindo parcialmente, a expressão original 'mano do céu', o lexema 'céu' por 'sky'. Essa mistura das duas línguas, nesse caso, é proposital, mas também reflete a habilidade natural de *translanguanging* nesse processo de aprendizagem de uma nova língua. Desde o início da minha observação como seguidora das publicações de LM, estas construções híbridas foram surgindo de forma natural e com mais frequência. Há uma recorrência dessa mistura também constatada nas entrevistas dos outros participantes desta pesquisa, por exemplo: 'vamos tomar uma 'pint'', 'eu estou inda pro 'gym'', 'estou muito 'busy' esses dias'.

Já o vocábulo '*aska*' é uma criação que se baseia nas regras formais de flexão dos verbos da língua portuguesa, como por exemplo: 'perguntar' – verbos da primeira conjugação no infinitivo. Este mesmo padrão de flexão apareceu em outros exemplos ao longo das respostas ao questionário: '*bookar*', '*speako*', '*mopar*', etc. O vocábulo '*talkey*' é criado com a mistura das regras gramaticais do português e inglês, baseado na flexão do verbo no passado (*talk* – falo / *talkey* – falei), mas recorre também a questão fonética pelo som similar ao lexema em português.

O significado desta expressão define-se de forma discursiva e pode significar o final de um ato de enunciação (exato, falei), ou, simplesmente ser usado como interjeição ou afirmação após um dizer polêmico. O uso do '*talkey*' tem sido feito em situações de reforço de uma informação ou de indignação a uma situação. Essas misturas são naturais na oralidade, aqui transposta para a escrita, sendo assim intencionais. Ou seja, devem-se às regras estabelecidas para o uso dessa plataforma, cujo propósito é obter atenção do/a interlocutor/a. A transgressão de regras da gramática formal é o meio encontrado nesse novo ambiente. Portanto os elementos organizam-se nestes textos modais e apresentam padrões que correspondem ao registro único do *Instagram*.

Essas duas imagens abaixo foram umas das últimas antes de LM se mudar para a Espanha.

10 – Figura



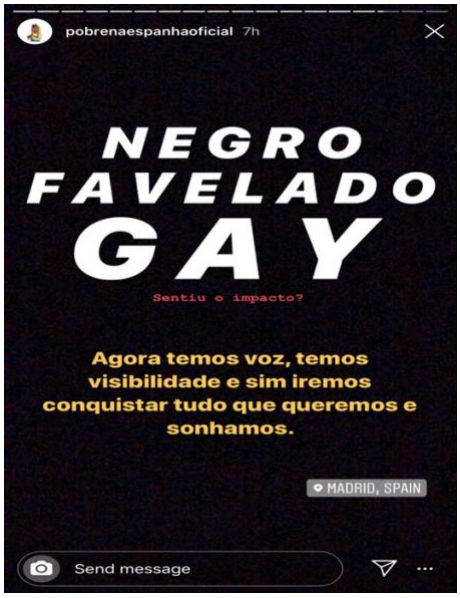
A primeira tem o fundo preto e a fonte tem um tamanho considerável para chamar a atenção. Primeiro ele diz: *"sair da minha bolha, quebrar todo paradigma"*. Ressalta em caixa alta: *"que a sociedade impõe"*, ou seja, a condição que vivia no Brasil não era sua escolha, mas sim imposta por uma sociedade preconceituosa (ver imagem na página seguinte, em que LM se define como "negro, favelado e gay". Interessante é o destaque na última frase pois além de estar em caixa alta, tem uma fonte maior para enfatizar que 'você' – o seu seguidor também pode atravessar o oceano e realizar esse sonho. Esta frase é uma resposta ao que ele disse em uma de suas postagens onde conta o que lhe falavam antes de sair do Brasil: *"atravessar o oceano era só para os ricos"*. LM fez esta estória dias antes da sua mudança para a Espanha, afirmando o seu próprio sucesso, que, na sua concepção, passava por não voltar ao Brasil, mas continuar na Europa estudando e trabalhando, com qualidade de vida que lhe permitia poder ser quem ele quisesse.

Na segunda imagem colorida, LM está vestido de Minion (um personagem que virou o seu próprio meme), rodeado de bagagens no seu quarto (onde muitos dos seus posts foram

produzidos). Esta imagem de final de um ciclo, também de aprendizagem de língua, aponta para muitos sentidos, o primeiro dos quais a liberdade de ser o que quiser, aqui representada pela escolha engraçada, colorida e irreverente da indumentária. De seguida, o ambiente – o seu quarto – onde passava a maior parte do seu tempo e dividia com os seus colegas – era uma comunidade que se ajudava. Em terceiro lugar, as malas indicam os motivos das mudanças de LM, sempre em movimento. E por último o uso da língua inglesa e não de outros registos, como prova da sua passagem e sucesso na aquisição de habilidades linguísticas resultantes desses dois anos vividos na Irlanda.

A próxima imagem foi publicada quando LM já havia se mudado para a Espanha devido ao final da validade do seu visto de estudante na Irlanda. Esta imagem chamou-me a atenção para as múltiplas posições identitárias manifestadas pelo participante. Após dois anos a viver na Irlanda, LM mudou-se para Madrid – Espanha em novembro de 2019. Essa estória publicada logo após sua mudança é muito significativa, principalmente quando vista à luz da sua história de vida relatada em outros dados recolhidos. Ao contrário do previsto na sua condição, LM prova que um negro, favelado e gay pode ter sucesso. A sua postagem representa sua vitória e mostra o impacto que experiencia migratória teve na sua construção identitária.

11 – Figura



O nome do perfil agora é: '*pobrenaespanha'*, a localização está inscrita na imagem da estória, o que é uma prática comum desse tipo de postagem. Ganha destaque nesta estória os vocábulos: Negro, Favelado e Gay. LM alterou o pano de fundo, aumentando o tamanho das fontes e cor. E para dar ainda mais ênfase em abaixo, sugere uma frase interrogativa – de efeito retórico, em uma fonte pequena, mas com uma cor viva – vermelho, que instiga a reflexão sobre: *"Sentiu o impacto?"*. Por baixo desta frase, em outra cor e fonte, apresenta-se um novo destaque – *"Agora temos voz, temos visibilidade e sim iremos conquistar tudo que queremos e sonhamos."*

A escolha da segunda pessoa do plural dos verbos (temos, iremos, queremos e sonhamos) inclui o interlocutor/a e torna-o próximo da ação. A escolha das cores e tamanho das fontes são intencionais para enfatizar e levar o seu público a reflexão. Os tamanhos são diferentes para 'negro, favelado e gay', a última é maior e a mais importante na concepção da sua identidade, assim afirmo, de acordo com minhas observações ao longo do tempo. Portanto, esta estória teve grande impacto no dia da sua publicação, a escolha de fundo preto, tamanho das fontes e cores causaram o impacto desejado por LM.

Esta publicação revela um posicionamento do sujeito em relação a uma raça, classe social e identidade sexual; contém nela o cruzamento desses discursos na materialidade da língua através das suas escolhas lexicais, mediadas pelo *Instagram*. À luz da sua trajetória pessoal e ao dizer que agora tem 'voz', LM parece verbalizar de forma clara o seu "direito de falar". Segundo Bonny Norton, essas oportunidades são criadas socialmente. "... how opportunities to speak are socially structured and how they might create possibilities for social interaction with target language speakers." (Peirce. 1995, p. 26). De facto, esse direito de falar foi alcançado em situações anteriores em que teve de se posicionar, ou seja, tomar posse de uma identidade como sujeito falante da língua inglesa, com sucesso. Isto é claro na resposta ao questionário em que LM diz: "*Porem o dia que eu fiquei radiante que eu realmente percebi que estava no caminho certo, foi quando tive uma pequena discussão com meu antigo chefe... Ele queria que eu trabalhasse mais tempo do que foi o combinado e aí o inglês saiu lá do fundo e fluiu."*

Através do *Instagram*, LM consegue, à sua maneira, aflorar nuanças das suas identidades construídas e/ou afirmadas ao longo da sua relocalização. Ao sair do Brasil e se mudar para a Irlanda, foi forçado a adaptar-se a novas práticas comunicativas que o levaram a aprender inglês e criar novas identidades. Este esboço de análise serviu para reforçar alguns dos temas descobertos nas respostas ao questionário e aprofundados durante a observação e entrevistas. Se a prática de *translanguaging* (*dar um play*, *mano do sky*, *aska pra mim* e *talkey*) aponta para a negociação de conhecimentos prévios para a resolução de problemas

ao longo da imersão em ambiente de língua inglesa, já as duas próximas imagens apontam para a motivação – e, consequentemente, o investimento – que o leva a sair do país e aprender com sucesso a língua inglesa. A sua última imagem: “negro, favelado, gay” – verbaliza o posicionamento – seja adquirido, seja desejado e projetado – face ao seu ‘direito de falar’. Neste sentido, estas imagens evidenciam os temas descobertos nas respostas aos questionários, aprofundados nas narrativas e aqui confirmados na produção textual do *Instagram* de LM.

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua é muito importante, por isso o interesse em estudar tudo que a envolve. E para o fazer é preciso considerar vários fatores que a influenciam, como por exemplo: o meio onde ela é materializada – a cultura, a história e o indivíduo. As pessoas buscam sentido para o mundo à sua volta através da língua e negociam as relações com os outros através dela – o que somos e o que nos tornamos acontece na linguagem. Neste trabalho, a socialização na língua foi observada por dois diferentes prismas: a percepção do falante e da pesquisadora. Para o primeiro, a sua interação com o mundo à sua volta acontece através das suas práticas comunicativas, mediadas ora pelo inglês ora pelo português. E o falante está/é ciente desse processo. Para a segunda, focar na socialização é dar atenção ao processo pelo qual os falantes aprendem uma nova língua, e ao mesmo tempo, constroem sua identidade, e não apenas aos mecanismos de aquisição das estruturas da língua, aqui vista como um sistema descontextualizado.

Ao longo da minha trajetória de observação dos participantes neste estudo fui considerando os discursos produzidos, os valores que lhes subjazem, a construção das identidades e as relações de poder que se manifestaram no decorrer das interações sociais e práticas linguísticas por si vividas e partilhadas. Analisei como que a interação do indivíduo com o meio acontece quando este utiliza a língua inglesa, quais as barreiras e soluções por ele encontradas. Procurei identificar como os participantes criaram sentidos, não só do mundo através da língua inglesa, como também do que contava como língua inglesa nos seus contextos, em particular, o abismo entre o que se aprende e o que realmente se usa no dia a dia ou a sobreposição de sentidos e de vozes que constituíram, para cada participante, a língua inglesa.

Os participantes da minha pesquisa são conhecidos, colegas de trabalhos e amigos. Todos que responderam à pesquisa moram na Irlanda, num país que tem o inglês como língua oficial, o que torna mais intensa a exposição às práticas sociais e linguísticas dos falantes de inglês como língua materna. O cenário é, porém, bem mais complexo, pois essa é uma sociedade multicultural e multilíngue devido a diversidade de origens dos indivíduos que a compõem. Essa sociedade é composta por falantes de línguas diversas para além do inglês, com histórias e culturas variadas.

Sendo este um trabalho de pesquisa académica num contexto informal e multicultural, segui um conjunto de procedimentos, regras e critérios que me permitiram refletir de forma

mais sistemática sobre os processos de aprendizagem da língua estrangeira pelos participantes do meu estudo. A abordagem sociolinguística permitiu-me um entendimento mais amplo da língua em funcionamento e das experiências de aprendizagem vividas pelos participantes do meu estudo. E com importância similar, a etnografia foi o método utilizado para registrar as observações e participações com o objetivo de destacar aspectos da aprendizagem vistos em profundidade e qualidade, sem descartar os resultados quantitativos essenciais para a identificação de temas comuns a todos os participantes.

As perguntas que iniciaram a investigação refletem a dinâmica entre língua, sujeito, meio e o seu impacto no processo de aprendizagem. De uma forma mais generalizada, busquei entender como os falantes negociavam as estratégias de aprendizagens, usavam seus repertórios e resolviam os problemas enfrentados. Procurei identificar o tempo de aprendizagem de cada um e o processo de adaptação à nova comunidade. Diante do resultado obtido num questionário inicial, identifiquei aspetos similares que aprofundei em entrevistas em profundidade – de onde surgiram os relatos das histórias de aprendizagem desses participantes. As respostas às perguntas instigaram o meu interesse em compreender o cenário da aprendizagem informal da língua, a acontecer nos vários espaços de interação sociolinguístico em que os aprendentes participavam. Por isso, a necessidade em acompanhar o grupo selecionado, observando suas rotinas diárias.

Para esta pesquisa, foram essenciais o meu envolvimento com a língua inglesa e, ao mesmo tempo a minha própria identidade, não só de falante de português em Cork como professora e estudante de língua inglesa. Por isso como pesquisadora – observadora, mas também participante, os estudos foram conduzidos de acordo com este posicionamento e esta perspectiva. Ao olhar para a aprendizagem de língua inglesa em contexto de imersão percebo o impacto que causa na vida dos participantes, simplesmente porque está relacionada com aspectos para além da língua, como por exemplo: a subjetividade do indivíduo, o seu meio, sua cultura e sua história. A relação entre estes aspetos é constitutiva da construção identitária destes participantes como aprendizes de falante de língua inglesa, e que se revelaram ao longo da minha interação, mas também da análise dos questionários, das narrativas e dos textos por eles produzidos. Nos parágrafos seguintes descrevo alguns dos caminhos de aprendizagem percorridos pelos participantes do meu estudo na construção das suas identidades como falantes de inglês. De algum modo, correspondem a dinâmicas de aprendizagem informal: a) motivação e investimento; b) imersão e negociação; c) estratégias para ultrapassar os obstáculos; d) posicionamento e direito de falar; e) construção da identidade.

Motivação e Investimento

Os motivos que impulsionam um indivíduo a estudar uma segunda língua são vários. De acordo com o resultado do questionário, as razões mais comuns dentre os participantes foram: conhecer novas culturas, qualidade de vida e melhores oportunidades. Destes três, os dois últimos se completam, pois está relacionado com uma vida melhor, ou seja, todos os participantes motivados a aprender a língua inglesa estão em busca de uma vida de qualidade. Isto demonstra claramente o juízo de valor dado ao aprendizado da língua inglesa, e essa valorização está ligada ao poder político e econômico que a língua inglesa exerce nesse mundo globalizado, isto significa – a moeda de troca, o poder de ir e vir e o status. Portanto, aprender esta língua representa ter acesso às vantagens que lhe são atribuídas. Mas, como as motivações são sentimentos e/ou razões que impulsionam o indivíduo, atesto e reafirmo o posicionamento de Bonny Norton Peirce (1995) de que a motivação do aprendente é mediada pelo seu investimento. Ou seja, a motivação não será nada se não for concretizada através do investimento. O indivíduo deve investir (tempo, dinheiro) para efetivar sua aprendizagem da língua inglesa e obter o resultado que almeja. “Learner will expect or hope to have a good return on that investment – a return that will give them access to hitherto unattainable resources.” (p. 17).

Imersão e Negociação

Ao pensar em aprendizagem de língua inglesa, a primeira impressão é a de uma percepção tradicional de aprendizagem. Todos os entrevistados, sem exceção, atribuíram seu aprendizado ao uso correto do sistema da língua. Mas o que não percebiam é que as suas práticas sociolinguísticas mostravam outra realidade. O indivíduo ao emigrar expõe-se a todos os tipos de interação com o novo mundo a sua volta, verbais e não-verbais. E esta imersão engloba aspectos além da língua, considera o contexto, a subjetividade do sujeito e o outro. A imersão amplificou e acelerou o processo da aprendizagem da língua inglesa, pois o indivíduo fez relação com a situação e/ou objeto diretamente com um novo repertório linguístico sem a necessidade de acessar ao seu correspondente na sua língua materna. É uma constante negociação e um forjar de repertório diante da situação e/ou interlocutor, em constante mudança.

> From this perspective, learning is a social process in which culturally and historically situated participants engage in culturally valued activities, using cultural tools. They thus develop the sorts of behaviours required for participation, and in so doing, change the activities and the tools.” (Peirce, 2011. P. 419).

Logo, ao interagir o aprendente cria e negoceia uma nova identidade linguística, adquirindo o conhecimento necessário no país anfitrião através das suas práticas sociolinguísticas e do seu comprometimento e adaptação à nova sociedade.

Estratégias para ultrapassar os obstáculos

Ao emigrar o indivíduo se submete automaticamente a uma nova forma de significar o mundo à sua volta. Nessa nova comunidade, o sujeito que emigra não somente usa uma nova língua (sistema), mas também depara com uma cultura diferente, novos hábitos e estilo de viver, e busca se encaixar aos novos padrões. Portanto, o indivíduo passa a usar as práticas comunicativas, associadas a atividades e valores nos espaços de interação da nova comunidade, aprendendo a língua nesse processo. Uma das principais estratégias de sobrevivência é o gesto, que os participantes disseram usar para se fazer compreendidos. Outra forma de ultrapassar obstáculos foi o uso de dispositivos automáticos de tradução, através dos celulares. É importante ressaltar que a tecnologia é uma ferramenta revolucionária e indispensável, pois muitos dos entrevistados relataram o uso intenso dela nas primeiras semanas. O fato de o aprendente estar num contexto de imersão, onde o mundo a sua volta acontece através da língua dominante, viabiliza de forma clara, objetiva e rápida a superação dos obstáculos.

Posicionamento e Direito de falar

No momento da fala, cada falante posiciona-se e é posicionado no campo das relações das diferenças e desigualdades que caracteriza os espaços discursivos, configurados por eixos distintos como a classe, raça, género, nacionalidade, etc. Olhar para o posicionamento é olhar para o lugar onde o indivíduo exerce suas práticas linguísticas – como amigo, filho estudante, empregado. Uma posição não é necessariamente melhor do que a outra e podem mesmo se contradizerem, havendo negociação, onde uma irá sobrepor a outra. Neste sentido, "... language learners need to be studied as negotiators in the relations of power that are established when entering into contact with the L2." (Solé. 2007, p. 203). O aprendente busca o seu direito de falar, ou seja, ser ouvido, achar o seu espaço na nova comunidade. E esse posicionamento de si pode acontecer como uma forma de querer "fazer justiça" ou defender os seus direitos, tal como foi relatado na estória do participante LM. Ao discutir com o chefe porque se sentiu injustiçado, este falante posicionou-se e, consequentemente, foi construindo um lugar com voz, ou seja, uma posição identititária como falante de inglês. Este episódio foi, como diz Norton Peirce, uma oportunidade de fala socialmente estruturada e que criou oportunidades para interagir com falantes da língua-alvo. (Peirce. 1995, p. 26).

Construção da Identidade

A construção da identidade no processo de aprendizagem de inglês em contexto de imersão é um processo dinâmico que melhor se observa nas práticas de socialização, tendo em conta as práticas culturais e as subjetividades do falante. Como diz Solé, “Identities are not given but negotiated.” (Solé. 2007, p. 204). Ao aflorar a multiplicidade identitária nas suas práticas socioculturais, surgem novas nuances na construção da identidade social de quem aprende a segunda língua. Na língua, a identidade é contestada e organizada através do nosso ‘eu’ social. Neste sentido, a identidade não depende só do contexto, mas da intenção e dinâmica em que a língua exerce seu papel agenciador. O agenciamento pode ser definido como a vontade, e o controle e escolha que o ‘eu’ pode exercer sobre as ações da pessoa através da língua. Esse agenciamento é configurado pelo ambiente sociocultural e pelos falantes que se posicionam ativamente, ao escolher sua identidade de acordo com o modo como o outro se manifesta no seu contexto.

> Thus, learners achieve L2 subjectivities by exercising agency and projecting and resituating themselves in the new community of practice by engaging and dialogically building their L2 identities with their audience and sociocultural context. They take positions of power and exercise their agency in the relations established in the second language. (Solé. 2007, p. 205).

Portanto, na aprendizagem da língua, os aprendentes não adquirem apenas habilidades linguísticas, mas desenvolvem a sensação de pertencimento em relação à comunidade discursiva em questão, e assim adotam um novo posicionamento pelo qual verão o mundo.

Onde acontece a aprendizagem

De acordo com a minha pesquisa, a aprendizagem da língua inglesa acontece também fora da escola. Vimos, na análise dos resultados deste trabalho, como a aprendizagem informal decorre dos aspectos relacionados com as práticas sociolinguísticas, a subjetividade individual, o meio e o Outro. Antes de tudo o mais, o falante é agente da sua própria aprendizagem, sendo motivado e levado a investir nesse processo: ao encontrar estratégias para superar os obstáculos, o aprendiz de falante posiciona-se e busca o seu direito de falar, o que o leva a construir e legitimar a sua identidade de falante de língua inglesa – esses são os caminhos da aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

Adamuti-Tranche, Maria. (2012). *Language Acquisition Among Adult Immigrants in Canada: The Effect of Premigration Language Capital.* Adult Education Quarterly. SAGE. DOI: 10.1177/0741713612442804, pp: XXIX - XXXII

Block, David. (2007). *Socializing Second Language Acquisition*. University of London. DOI: 10.1057/9780230591240_7, pp: 89 - 102

Block, David. (2013). "Issues in Language and Identity Research in Applied Linguistics". *Elia: Estudios de linguística inglesa aplicada,* INSSN 1576-5059, No 13, 2013 pp: 11 – 46.

Blommaert, Jan and Dong, Jie. (2010). *Ethnographic Fieldwork: A Beginner's Guide*. Tilburg University.

Bucholtz, Mary and Hall, Kira. (2005). *Identity and Interaction: a sociocultural linguistic approach*. Discourse Studies. Sage.

Creese, Angela. (2008). *"Linguistic ethnography"*. In K. A. King and N. H. Hornberger (eds), Encyclopedia of Language and Education, 2nd Edition, Volume 10: Research Methods in Language and Education. Cham, Switzerland: Springer International, 229–241.

Crenshaw, Kimberle. (1991). "Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color". Vol. 43 No. 6, pp. 1241 – 1299. *Stanford Law Review*. DOI: 10.2307/1229039

Crystal, David. (2004). *Language and the Internet*. Cambridge University Press.

Cukor – Avila, Patrícia. (2000). "Rethinking Established Notions – Revising the Observer's Paradox". *Diamond Anniversary Essay*. Vol. 75. No. 3, Fall 2000, pp. 253 – 254.

Duff, Patricia A. (2007). “Language Teaching: Second language socialization as sociocultural theory: Insights and Issues”. *Language Teaching* / Volume 40 / October 2007 – P: 309 – 3019

Duff, Patrícia A. (2008). *Encyclopedia of Language and Education*. Volume 8. Language Socialization. Springer.

Eble, Alroino B. “Cultura e Linguagem”. *Revista de Ciências Humanas* V.1 No. 2 1982 p. 82 https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23610 acessado em 22.02.2021

Elmeroth, Elisabeth. (2003). “From Refugee Camp to Solitary Confinement: illiterate adults learn Swedish as a second language”. *Scandinavian Journal of Educational Research*. Vol. 47, No. 4. Carfax Publishing.

Ennser-Kananen, Johanna and Pettitt, Nicole. (2017). “I want to speak like the other people: Second language learning as a virtuous spiral for migrant women?” Springer. DOI: 10.1007/s11159-017-9653-2, pp.: 583 – 604

Fenoglio, Irène. (1966). “Ècole Normale Supérieure”, Institut des Textes et Manuscrits Modernes. (ITEM, UMR 8132 CNRS/ENS), Paris, França.

García, Ofelia and Wei, Li. (2014). “Translanguaging: Language, Bilingualism and Education”. Palgrave Macmillan. DOI: 10.1057/9781137385765, pp.: 5 – 42

Given, Lisa M. (2008). The SAGE *Encyclopedia of Qualitative Research Methods*. Vol. 1&2. University of Alberta. SAGE.

Gonçalves, Kellie. (2012). “Semiotic Landscapes and Discourses of Place within a Portuguese-Speaking Neighbourhood”. University of Berne, Switzerland. InterDISCIPLINARY *Journal of Portuguese Diaspora Studies*. Vol. 1, pp.: 71 - 98

Guimarães, Eduardo. (1995). *Os limites do sentido – um sentido histórico e enunciativo da linguagem*. Editora Pontes.

Hackert, Stephanie. (2009). “Linguistic Nationalism and the Emergence of the English Native Speaker”. *European Journal of English Studies*, 13:3, 305 – 317, DOI: 10.1080/13825570903223541, pp.: 305 - 317

Heller, Monica; Pietikainen, Sari; Pujoolar, Joan. (2017). *Critical Sociolinguistic Research methods studying language issues that matter*.

Jamshed, Shazia. (2014). *Qualitative research method – interviewing and observation*. Vol. 5. Issue 4. September-November. 2014.

Jones, Rodney H. and Hafner, Christoph A. (2012). *Understanding Digital Literacies – A practical introduction*. Routledge.

Kramsch, Claire J. (1987). “Socialization and Literacy in a Foreign Language: Learning Through Interaction”. Vol. 26. No.4. *Teaching Foreign Languages* (Autumn, 1987), pp. 243 – 250.

Kramsch, Claire J. (2002). *Language Acquisition and Language Socialization*. Continuum.

Lee, Jim Sook and Bucholtz, Mary. (2015). “Language Socialization Across Learning Spaces”. University of California. eScholarship.org. pp.: 319 - 336

Nash, Jennifer C. (2008). *Re-thinking Intersectionality*. Feminist Review.

Peirce, Bonny Norton. (1995). *Social Identity, Investment and Language Learning*. TESOL. Quarterly. Vol. 29. No. 1.

Peirce, Bonny Norton. (2011). “Identity, Language Learning, and Social Change”. *Lang. Teach.* (2011), 44.4, 412 – 446. Cambridge University Press.

Peirce, Bonny Norton. (2013). Identity and Language Learning. Multilingual Matters.

Piller, Ingrid. (2001). “Who, if anyone, is a native speaker?”. *Second Language Acquisition.* pp.: 1 - 14

Piller, Ingrid. (2016). Monolingual ways of seeing multilingualism. Journal of Multicultural Discourses. Routledge. DOI: 10.1080/17447143.2015.1102.921, pp. 25 – 33.

Salgado, Ricardo Seiça. (2015). “A Performance da Etnografia como Método da Antropologia”. ANTROPOlógicas. No. 13. CRIA – *Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, pp.: 27 – 38.

Shaw, Sara. Copland, Fiona and Snell, Julia. (2015). “An Introduction to Linguistic Ethnography: Interdisciplinary Explorations”. Palgrave Macmillan, pp.: 2 – 12.

Solé, Cristina. (2007). “Language Learners’ Sociocultural Positions in the L2: A Narrative Approach”, *Language and Intercultural Communication*, 7:3, 203-216, DOI: 10.2167/laic203.0, pp.: 203 – 216

Stuart, Hall. (1994). *Cultural Identity and Diaspora. What is Cultural Identity?* pp.: 222 - 237

Stuart, Hall. (2006). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* – tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A.

Stuart, Hall and Du Gay, Paul. (1996). *Questions of Cultural Identity*. London. Sage.

Swain, Merril and Lapkin, Sharon. (2013). “A Vygotskian sociocultural perspective on immersion education”. *Journal of Immersion and Content-Based Language Education* OISE/University of Toronto, pp.: 101 – 129.

Trache, Maria Adamuti. (2012). “Languange Acquisition Among Adult Immigrants in Canada: The Effect of Premigration Language Capital”. *Adult Education* Quartely 63(2) 103 – 126. Sage.

Whitney, William Dwight. “Language and the Study of Language. In: Whitney on Language: selected writing of William Dwight Whitney. Ed. By Michael Silverstein. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1971 [1867].

Woolard, Kathryn A. and Schieffelin, Bambi B. (1994). “Language Ideology”. Annual Review of Anthropology, Vol. 23 (1994), pp. 55 – 82.

http://www.jstor.org/stable/2156006

ANEXOS

Anexo 1

Termo de Consentimento

Eu, _____, _____, _____ (nome, nacionalidade, ID), estou sendo convidado/a a participar de um estudo sobre os obstáculos e as soluções decorrentes dos processos de socialização em práticas de uso e aprendizagem da língua inglesa. O trabalho pretende explorar de forma qualitativa como falantes de português, como língua materna, socializam em práticas de aprendizagem de inglês como língua estrangeira nas suas vidas quotidianas na Irlanda e, nesse processo constroem identidades não só como, pessoa brasileira na Irlanda, mas também como aprendente e novo/a falante de inglês.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificar-me, será mantido em sigilo. A pesquisadora envolvida no referido projeto é Gissela V. L. Sales pela Universidade de Coimbra - Portugal.

Cork, ____ de _____de 2019.

Assinatura: _____

Anexo 2

QUESTIONÁRIO

1- Qual seu nome? Qual a sua profissão? De onde você é? Qual a sua escolaridade?
2- Você só estuda? Ou trabalha também? Participa de algum outro grupo social em que precisa falar somente em inglês? Qual?
3- Como a mudança de país contribuiu para o eu desenvolvimento na aprendizagem da língua inglesa?
4- Por que decidiu estudar inglês num país que tem como língua oficial o inglês? Escolha uma ou mais razões que contribuíram para esta decisão?
5- Como chegou a decisão de estudar/aprender inglês? Quais foram os passos para chegar a sala de aula/grupos de aprendizagem/outros?
6- Quais suas motivações para aprender uma nova língua?
7- Nesses espaços e ao longo do tempo, como é que sentiu ou percebeu que aprendeu inglês? Dê exemplos, conte histórias concretas.
8- Fale sobre fatos, hábitos, rotinas e/ou situações que contribuíram e, ainda contribuem, para sua evolução nesse processo? Conte histórias concretas que foram ou são importantes para você e dê exemplos de espaços em que sente que está a aprender inglês.
9- Na sua rotina diária, com falantes da língua portuguesa, que também precisam usar o inglês na sua vida quotidiana, você usa vocábulos da língua inglesa? Como as usa? Para quê? Porquê? Dê exemplos.
10- Em relação as expressões, você já as usa em sua fala? Em quais situações? Dê exemplos.
11- Como foi sua primeira vez no supermercado ou numa loja, como fez para resolver os problemas encontrados, por exemplo: não entender o significado de algumas palavras ou expressões.
12- Se tivesse de descrever como falante de línguas, o que diria? Considera-se bom falante de inglês? Como e por quê? Dê exemplos. O que é para você ser um bom falante?

Anexo 3

ENTREVISTA

1- Qual o motivo principal que te levou a mudar de país? Por que a Irlanda? Por que Cork? Fala brevemente como isso aconteceu.
2- Quanto tempo faz que você está morando em Cork? Tem intenção de viver aqui para sempre?
3- Você veio com a sua família – marido e filhos – como foi a adaptação de vocês em relação a moradia, comida, escola e trabalho? Já se sente totalmente adaptada a esta vida aqui?
4- Em relação aos seus filhos, qual é a língua base de comunicação? Eles falam em português com você?
5- Em relação ao inglês você acha que ainda está aprendendo? Sente que usa de forma natural?
6- Conte um pouco sobre a sua rotina, principalmente agora nesse momento de isolamento, como isso impactou nas suas interações?

Anexo 4

QUADRO DOS DADOS COLETADOS

Participante	Questionário	Interação Informal	Grupos de *WhatsApp*	Email	Chat no trabalho	*Instagram*	Comentários
LM	Sim – 19/03/19	Sim	------	Sim	------	Sim	Esse participante tem um uso das práticas linguísticas nas redes sociais.
BC	Sim – 08/03/19	Sim	Sim	Sim	------	--------	A interação com ela foi por um período, pois sua estadia foi somente por um ano letivo.
KG	Sim – 29/03/19	Sim	Sim	-------	-------	Sim	Essa participante era também minha colega de casa, portanto a observação das suas práticas foi diária.
JP	Sim – 19/03/19	Sim	Sim	Sim	Sim	---------	Esse participante foi meu colega de trabalho e hoje é meu colega de casa, portanto há muita interação.
CG	Sim – 29/03/19	Sim	Sim	-------	--------	----------	Esse participante foi meu colega de casa e tivemos muita interação por mais de um ano.
VS	Sim – 12/03/19	Sim	----------	Sim	Sim	Sim	Esse participante foi meu colega de

							trabalho por mais de um ano.
EF	Sim – 12/03/19	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Essa participante foi minha colega de trabalho, mas ainda temos contato em espaços de laser.
MP	Sim – 10/03/19	Sim	----------	Sim	---------	---------	Essa participante foi minha colega de casa.
AK	Sim – 27/02/19	Sim	----------	Sim	---------	----------	Essa participante trabalhou no mesmo prédio, mas departamento diferente.
SG	Sim – 15/02/19	Sim	---------	Sim	--------	Sim	Essa participante faz parte do mesmo grupo na igreja, mas também temos contato nos espaços de laser.
LG	Sim – 16/04/19	Sim	----------	Sim	Sim	----------	Esse participante foi meu colega de trabalho.
BR	Sim – 15/02/19	Sim	----------	Sim	Sim	Sim	Essa participante foi minha colega de trabalho.
LL	Sim – 14/02/19	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Essa participante foi minha colega de trabalho, mas ainda temos contato nos espaços de laser.
LS	Sim – 30/03/19	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Essa participante é minha colega de trabalho e também

							temos contato nos espaços de laser.
JD	Sim – 14/02/19	Sim	Sim	-------	---------	Sim	Essa participante faz parte do mesmo grupo na igreja e temos também contato nos espaços de laser.
DG	Sim – 15/02/19	Sim	----------	Sim	---------	Sim	Essa participante é uma conhecida de longa data, fomos estudantes em uma mesma sala, dividimos os mesmos espaços de interação no passado, mas hoje é somente on-line.
BM	Sim – 14/02/19	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Essa participante foi minha colega de trabalho e hoje compartilhamos somente os espaços de laser.
MS	Sim – 16/04/19	Sim	----------	Sim	Sim	---------	Esse participante foi meu colega de trabalho.

Anexo 5

Análise dos Questionários e Temas Emergentes

Participante	P- 1 Escolaridade Profissão	P- 2 Atividade	P- 3 Impacto da imersão linguística	P- 4 Razões	P- 5 Passos / Etapas	P- 6 Motivação	P- 7 Percebeu a aprendizagem	P- 8 Hábitos pessoais	P- 9 Domínios e interlocutores	P- 10 Uso de expressões inglesas	P- 11 Estratégias de sobrevivência	P- 12 Auto perceção da sua identidade de falante	Temas emergentes
LM	- Ensino Médio - Chef	- Estuda e trabalha	- Contribuiu - Melhor que na escola - Rápido	- Aprendizagem rápida - Conhecer culturas - Viajar	- Motivação intrínseca - Perda de referências nos primeiros dias	- Amizades - Dates	- Comunicação no trabalho – emoção 'o inglês saiu lá do fundo"	- Falar com falantes de língua materna - Contexto de trabalho - Atender o telefone	- Separação de línguas Com brasileiros - P Com brasileiros e ingleses - I	-Dates	- Conhecer o produto no supermercado	- Considera intermediário - Consegue falar - Nem sempre entende.	Rapidez e eficácia na aprendizagem. Conhecer culturas e viajar. Desejo emoção.

								- Ter conversas					Comunicação no trabalho. Estratégias de separação entre línguas: natural ou artificial? Visão inferior a realidade (auto percepção do conhecimento)

BC	- Nutricionista	- Estuda e trabalha	- Evolução - Adaptação - Mais disciplina	- Forçada a usar a língua	- Mudança de vida - Oportunidade de trabalho - Ter uma vida melhor	- Oportunidade - Vida melhor	- Mudança de nível na escola - Comunicação no trabalho	- Conversas com a host family, gym e colegas de trabalho e escola	- Uso de vocábulos de inglês no dia a dia	- What´s the craic? (variedade do inglês irlandês)	- Pedir para mostrar o objeto da nova palavra (bag, receipt)	- Considera falante de inglês, pois agora consegue conversar.	Aprendizagem por obrigação. Aprendizagem como investimento. Interação com a comunidade Mudança de vida - dgnidade
KG	- Ensino Médio	- Estuda e	- Entrou na escola	- Ajudar os filhos na	- Necessidade para	- Comunicação com a	- Não sabia nada.	- Comunicar nas lojas,	- Usa mais o português,	- Não, usa gestos em	- Uso as palavras que	- Vai encaixando as palavra	Parentalidade

	- Costureira	trabalha	para aprender	adaptação	trabalhar	escola dos filhos	- Agora entende os colegas e a professora.	escola e supermercado.	poucas frases em inglês.	algumas situações.	sabe, gestos e Google tradutor.	s que sabe e as pessoas entendem. - Entende o contexto.	
JP	- Ensino Secundário - Especialista em Segurança e Confiança	- Trabalha	- Melhorou a fluência, dicção e vocabulário	N/A	N/A	- Conhecimento e viagens	- Falar com clientes ao telefone e com colegas no trabalho.	- Comunicação no trabalho e viagens.	- Uso de alguns vocábulos de língua inglesa com colegas falante	- That´s grand, awesome, sweet.	N/A	- Considera um falante médio, com rico vocabulário	Evolução da fala, ouvido, vocabulário. (Skills) Visão mais coerente das

									s de língua portuguesa.				habilidades linguísticas
CG	-MBA - Analista de Compras	- Estuda e trabalha	- Melhor ou a audição	- Inglês é a língua mais falada. - Ter melhor oportunidade de trabalho	- Perdeu o emprego e mudou de país para ter uma vida melhor.	- Conseguir emprego para sustentar a família. - Futuro melhor para os filhos.	- Ao conseguir fazer ser entendido, mesmo que para isso, usar gestos.	- Escutar e compreender a conversa. - Usar o que aprendeu nas conversas.	- Usa palavras em inglês com falantes da língua portuguesa.	N/A	- Escolhe o produto e paga, não há problemas.	- Não sou bom falante. - Preciso conhecer melhor a língua e o significado das palavras.	Língua como moeda de troca Processamento e aplicação da aprendizagem Contextualização e adaptação – Atos em si.

VS	- Ensino Médio - Especialista em Fraude	- Trabalha	- Melhorou a fluência e aprendeu novo vocabulário	- Desenvolver a fluência	- Estudou em escola de línguas no Brasil	- Comunicar com várias pessoas. - Contato com culturas diversas.	- Assistir à filmes sem legenda	- Assistir filmes e vídeo games - Trabalho como Au Pair.	- Usa palavras em inglês no dia a dia.	- N/A	- Usava o tradutor	- Me considero um bom falante. - Tenho facilidade de me expressar.	Atividades, tecnologia e o inglês.
EF	- Publicitária - Especialista em Fraude	- Trabalha	- Positiva já que tem que praticar a língua	- Conviver com nativo obriga o uso do inglês no dia a dia.	- Orientação dos pais, fui matriculada com 7 anos para fazer inglês.	- Motivação intrínseca, acha maravilhoso comunicar em diferentes línguas.	- Desenvolvi muito pela prática no trabalho, com amigos e	- Leitura e assistir à filmes. - Conversar com amigos nativos.	- Sim, usa palavras em inglês no dia a dia.	- Usa, mas não lembra nenhuma em específico.	- Apontava para as coisas. - Fazia sinais com as mãos para ser	- Me considero um bom falante porque consigo me comunicar em qualque	

						- Abre portas e oportunidades.	assistindo TV e filmes.				compreendida.	r situação, mesmo usando concordâncias erradas.	
MP	- Advogada - Pós-Graduada	- Estuda e trabalha.	- Mudar de país foi a chave para aprender inglês. - Obriga a esforç	- Aprendo mais rápido a língua inglesa. - Convivo com nativos. - Usa o inglês no mercad	- Queria independência e liberdade, pois o inglês é uma língua universal. - Posso escolhe	- Liberdade de escolher onde trabalhar. - Poder viajar. - Mais oportunidades.	- Me senti integrado ao mundo, pois tenho liberdade de escolha. - Conheci a	- Conversar com as pessoas nativas para aprender o vocabulário do dia a dia e gírias. - Na escola se	- Uso sim, às vezes só lembro vocábulos em inglês, esqueço do português, mas falo	- Uso naturalmente com nativos e falantes do português.	- Pedia para falar devagar e repetir. - Olhava o tradutor também.	- Ainda tenho muita coisa para aprender, mas consigo me comunicar e entender	

			ar e estudar a língua.	o, no ônibus, etc.	r onde morar. - Conviver com diferentes culturas.		cultura e as tradições, além da língua inglesa.	aprende a gramática correta e a escrita.	sem saber.			muita coisa.	
AK	- Biomédica	- Estuda e trabalha	- As atividades diárias que envolvem o uso do inglês	- Imersão na cultura. - Uso espontâneo da língua.	- Saber inglês é importante atualmente. - Conseguir trabalhar em multinacionais.	- Desenvolvimento pessoal. - Novas oportunidade de trabalho.	- Foi quando ficou natural ouvir um anúncio no rádio em inglês	- Ouvir à rádio local.	- Sim.	- Não utiliza expressões de forma espontânea.	- Pedi para repetir.	- Sou mediana no conhecimento do inglês. - Sou capaz de me comunicar efetivamente,	Insatisfação na comunicação.

					- Pesquisei, guardei dinheiro e planejei a viagem.							apesar de achar palavras que se aproximam daquilo que queria falar. - É difícil sentir satisfeito usando outra língua.	
SG	- Publicit	- Trabalha	- Evoluç	- Mais dedicação ao	- Estudei inglês	- Evolução profission	- Entender as	- Conversa	- Sim, printar, Kiss,	- Sim, em uma	- Pedi para repetir e	- Ser um bom	

	ária e MBA.	e estuda em sozinha.	ão rápida. - Exposição à língua inglesa a o tempo todo. - Ajudou na confiança para falar. - Uso de mais vocábulos nas	aprendizado da língua inglesa. - Conhecer pessoas de diversas culturas.	no Brasil. - Perdi o emprego, então decidir fazer o intercâmbio para dedicar ao estudo de inglês.	al e pessoal. - Viagens, leituras, etc.	pessoas e conseguir me comunicar. - Tenho mais dificuldade devido à perda auditiva.	s no trabalho. - Escola dá a base, mas precisa de uma atividade extraclasse para ajudar no desenvolvimento.	love, etc. - Tenho dificuldades de lembrar alguns vocábulos em português.	situação no Revenue, aprendi a expressão: sort out. Quando há referência emocional, é mais fácil gravar. - Também uso out of	a pessoa explicou em outras palavras.	falante é se fazer compreender e entender o outro. - Como falante sou not too bad.	

			atividades diárias.							blue, not too bad.			
LG	- 12 º ano escolar. - Prevenção de Fraude	- Trabalha	- Aulas obrigatórias no secundário.	- N/A	- Fui obrigado no ensino secundário.	- É minha língua secundária favorita. - Muitos conteúdos para aprender. - Desenvolver o conhecimento.	- Comecei a entender palavras complexas nas conversas e filmes. - Comecei a entender o context	- Assistir à filmes, ler livros. - Conversar com nativos.	- Eu evito usar, mas acontece, pois, esqueço da palavra em português.	- Sim, por exemplo: bus	- Não tive dificuldades já que em Portugal já se utiliza o inglês.	- Considero-me um falante acima da média, porque consigo usar expressão.	

							o das piadas.						
BR	- Administradora	- Não, mas já estudei e trabalhei com a língua inglesa.	- Contribuiu muito por praticar mais e ter contato com a cultura.	- Sempre amei a língua inglesa. Estudei no Brasil, mas fiz o intercâmbio.	- Assisti vídeos em inglês. - Me matriculei num curso de inglês no Brasil. - Fiz o intercâmbio.	- Paixão por falar novos idiomas. - Conhecer novas culturas.	- Quando assistia um filme, sem legenda, e entendi. - Comecei a pensar em inglês e falar comigo mesmo	- Ler livros em inglês. - Assistir à filmes e acompanhar pessoas públicas no YouTube.	- Sim, às vezes, elas expressam melhor o que se quer dizer. - Alguns exemplos: part-time, full-time, job, knowledge,	- Sim, por exemplo: whatever, thank you, no worries, etc.	- Pesquisava no Google imagens, assim não traduzia. - Usei mímicas também.	- Acredito ser fluente no inglês. - Consigo manter uma conversa com um nativo sem problemas.	

							em inglês.		whatever, etc.				
LL	- Ensino Médio - Especialista em Fraude	- Estuda e trabalha - É casada com um irlandês	- A mudança foi essencial para aperfeiçoar.	- Adquirir fluência. - Conhecer uma nova cultura.	- Iniciei um curso básico de inglês no Brasil. - Depois fiz o intercâmbio.	- Quero ser poliglota.	- Ao trabalhar em uma empresa de telemarketing atendendo ligações do Reino Unido e Irlanda.	- Assistir à filmes e programas de TV. - Reuniões e treinamentos no trabalho.	- Sim, usamos expressões que fazem parte do dia a dia, exemplo: Bus Station, Train Station, to book, etc.	- N/A	- Ficou nervosa	- Me considero uma boa falante de inglês porque consigo me comunicar em situações complexas.	
LS	- Bachare	- Trabalha.	- Me forcei a falar	- Para aprender de	- Fiz intercâmbio.	- Viagens.	- Quando	- Comunicar com	- Sim, algumas	Sim, exemplo: fuck,	- Usei tradutor	- Ainda tenho muitas	

	l em Turismo - Analista de Fraude	- Ela namora com um checo.	e aprendi. - A necessidade me fez evoluir.	forma correta. - Desenvolver a fala como um nativo.		- Amizades com estrangeiros.	briguei com meu namorado e ele me entendeu.	nativos no trabalho. - Se não entendo peço para repetir de outra forma.	palavras não traduzimos pois faz mais sentido usar em inglês.			dificuldades para compreender alguns nativos. Considero meu inglês intermediário.	
JD	- 12º ano escolar. - Comissária de Bordo.	- Trabalha	- Foi positivo. - Sou obrigada a desenvolver o inglês	- Saber o inglês, considerado uma língua oficial, ajuda para	- Estudei inglês na escola secundária. - Comecei a	- Conhecer o mundo. - Necessito para minha profissão.	- Aprendi vocabulários novos. - Fiz amizades e conversava.	- Interagir com as pessoas e o meio.	- Sim, às vezes esqueço a palavra em português e	- Sim, uso Y´all doing good?	- Se não entendo, peço para repetir.	- Não me considero um bom falante quando me compar o com	

			porque estou rodeada de nativos.	um emprego melhor e com viagens.	assistir aos filmes. - Usei um aplicativo para aprender inglês.				falo em inglês.			um nativo, mas acho que tenho um nível médio alto.	
DG	- Mestrado - Garçonete	- Trabalha	- Fez a língua fluir de forma natural.	- Para aprender com nativos e ter contato com a língua também fora da sala.	- Comecei a estudar inglês quando era criança.	- Aperfeiçoar a língua inglesa com intuito profissional.	- Quando comecei a ler livros com a mesma facilidade que fazia em	- Ler muito e assistir à filmes. - Estudei em escolas na Inglaterra e na Irlanda. - Conviver	- Sim, por exemplo: mopar.	- Sim, mas não me lembro agora.	- Foi há 11 anos, não lembro de como foi.	- Me considero uma boa falante de inglês.	

							português.	com nativos					
BM	- TI - Especialista em Fraude	- Trabalha - Casada com um checo	- Contribuiu 100% devido ao contato com a língua o tempo todo.	- Para aprender inglês.	- Devido ao trabalho de TI usava muito o inglês. - Viagens	- Viagens	- Quando conseguiu me comunicar com a família irlandesa com quem morei.	- Casada com um checo, usa inglês em casa, até na comunicação com o filho.	- Sim, usa o inglês e português.	- Sim	- Usei tradutor.	- Sei me virar, mas acho que evoluí muito em comparação com o dia que cheguei. - Consigo me comunicar bem.	

MS	- 12º ano escolar. - Especialista em Fraude	- Trabalha	- Um pouco	- Decidi mudar por motivos culturais.	- Ler livros e manuais em inglês. - Filmes e jogos.	- Viagens.	- Conversar com estrangeiros quando ainda morava em Portugal.	- Juntei-me a uma comunidade que fala só em inglês. - Aprendi várias expressões e as uso diariamente.	- Sim, ao explicar exemplos do trabalho, não tem uma tradução exata. Exemplos: workflow, upskilling, etc.	- Sim, no pub se pede uma pint, e responde grand em várias situações.	- Apontar para o objeto e esperar a pessoa dizer o que era.	- Eu diria que sou proficiente.	